

A Lavoura

Agropecuária • Alimentação • Meio Ambiente

OFICIAL DA



Sociedade Nacional de Agricultura

ANO 108 Nº 652 MARÇO 2005

R\$ 4,50

EQÜINOS

CRIAÇÃO evolui no Brasil

ORGÂNICOS

- Produção SUSTENTÁVEL com segurança alimentar
- A SNA na BioFach - Alemanha

Tudo que vem da terra faz bem.
Inclusive para o seu negócio.

CONTEMPORANEA

AGRORIO 2005



A indústria que colhe bons negócios.

20 e 21 de Outubro de 2005.

Fundação Rural de Campos dos Goytacazes, RJ.

A agroindústria brasileira tem um encontro marcado em Campos, no Rio de Janeiro. É a AgroRio 2005, que vai contar com a presença dos mais diversos profissionais ligados a todos os setores da agricultura. Você vai participar de palestras, saber o que acontece no mercado e, principalmente, ter a oportunidade de fazer muitos negócios. AgroRio 2005. Informações pelo telefone 0800 231 231.

REALIZAÇÃO:



SEBRAE
RJ

DIRETOR RESPONSÁVEL

Octavio Mello Alvarenga

EDITOR

Antonio Mello Alvarenga Neto

EDITORA ASSISTENTE

Cristina Baran

Av. General Justo, 171

7º andar

Tel.: (21) 2533-0088

Fax: (21) 2240-4189

CEP 20021-130

Rio de Janeiro - RJ

ENDEREÇO ELETRÔNICO

http://www.sna.agr.br

e-mail: alavoura@sna.agr.br

DIAGRAMAÇÃO/ EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Dan Palatnik

Tel: (21) 2552-8381

e-mail: palat@mls.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:

Alessandra Soares

Antonio Augusto Coutinho

Catarina Donda

Ibsen de Gusmão Câmara

Jacira Collaço

Leandra de Oliveira

Luís Alexandre Louzada

Marcos Sampaio Baruselli

Roberto Pedroso de Oliveira

Rubens Ricupero

Silvana Pedroso de Oliveira

Sylvia Wachsmier

Walkyria Bueno Scivittaro

Walmick Mendes Bezerra

É proibida a reprodução parcial ou total de qualquer forma, incluindo os meios eletrônicos, sem prévia autorização do editor.

ISSN 0023-9135

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não traduzindo necessariamente a opinião da revista **A Lavoura** e/ou da Sociedade Nacional de Agricultura.

NOVIDADE

Novas cultivares de algodão colorido

O algodão colorido é ecologicamente correto, tem valor agregado para o produtor e forte apelo no mercado internacional

25



ORGÂNICOS

Produtos orgânicos: Produção sustentável com segurança alimentar

O sistema orgânico fundamenta-se na sustentabilidade ecológica, na maximização dos benefícios sociais e na minimização do uso de energia não-renovável

31



CITRICULTURA

Citricultura brasileira muda perfil

O Brasil mantém a posição de maior produtor mundial de laranja, que representa 49% de toda a produção brasileira de frutas

40



EQUINOCULTURA

Criação de eqüinos evolui no Brasil, mas é preciso mais investimentos e tecnologia

18

TECNOLOGIA

Nascem as duas primeiras potras das por bipartição de embriões no Brasil

24

MANEJO

Período da seca: o gargalo da pecuária de corte

44

CASOS DE SUCESSO

Ovelhas: na medida certa para pequenos espaços

48

SEÇÕES

SNA 108 ANOS	06
PANORAMA	10
AGRONEGÓCIOS E BIOTECNOLOGIA	22
SOBRAPA	27
ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO	38
EXTENSÃO RURAL	42
LIVROS E PUBLICAÇÕES	46
EMPRESAS	52
ACADEMIA NACIONAL DE AGRICULTURA	54



SNA - fundada em 1897

DIRETORIA GERAL

PRESIDENTE
OCTAVIO MELLO ALVARENGA

1º VICE-PRESIDENTE
ANTONIO MELLO ALVARENGA NETO

2º VICE-PRESIDENTE
OSANA SOCRATES DE
ARAÚJO ALMEIDA

3º VICE-PRESIDENTE
ROBERTO FERREIRA DA
SILVA PINTO

4º VICE-PRESIDENTE
IBSEN DE GUSMÃO CÂMARA

DIRETORES

ELVO SANTORO

NESTOR JOST

JOSÉ CARLOS AZEVEDO DE
MENEZES

JOEL NAEGELE

WALMICK MENDES BEZERRA

FRANCISCO JOSÉ VILELA SANTOS

COMISSÃO FISCAL

EFETIVOS

RONALDO DE ALBUQUERQUE

FERNANDO RIBEIRO TUNES

PLÁCIDO MARCHON LEÃO

SUPLENTE

GELIO PEREIRA RIBEIRO

JEFFERSON ARAÚJO DE ALMEIDA

LUDMILA POPOW M. DA COSTA

DIRETORIA TÉCNICA

ANTONIO CRUZ

GERALDO SILVEIRA COUTINHO

HÉLIO MEIRELLES

JAIME ROTSTEIN

JOSÉ CARLOS DA FONSECA

JOSÉ GUILHERME MARINHO GUERRA

JOSÉ TEIXEIRA DE SEIXAS FILHO

LEOPOLDO GARCIA BRANDÃO

MARIA BEATRIZ MARTINS COSTA

ROSINA CORDEIRO GUERRA

SYLVIA WACHSNER

Academia Nacional
de Agricultura



CADEIRA	PATRONO	TITULAR
01	ENNES DE SOUZA	ROBERTO FERREIRA DA SILVA PINTO
02	MOURA BRASIL	JAIME ROTSTEIN
03	CAMPOS DA PAZ	EDUARDO EUGENIO GOUVEA VIEIRA
04	BARÃO DE CAPANEMA	FRANCELINO PEREIRA
05	ANTONIO FIALHO	LUIZ MARCUS SUPPLYC HATERS
06	WENCESLAO BULLO	RONALDO DE ALBUQUERQUE
07	SYLVIO RANGEL	TITO BRUNO BANDEIRA RYFF
08	PACHECO LEÃO	
09	LAURO MULLER	FLAVIO MIRAGAMA PERRI
10	MIGUEL CALMON	JOEL NAEGELE
11	LYRA CASTRO	MARCUS VINICIUS PRATINI DE MORAES
12	AUGUSTO RAMOS	ROBERTO PAULO CÉZAR DE ANDRADE
13	SIMÕES LOPES	RUBENS RICUPERO
14	EDUARDO COTRIM	PIERRE LANDOLT
15	PEDRO OSÓRIO	ANTONIO ERMIRIO DE MORAES
16	TRAJANO DE MEDEIROS	ISRAEL KLABIN
17	PAULINO FERNANDES	WALMICK MENDES BEZERRA
18	FERNANDO COSTA	ANTONIO ERNESTO WERNA DE SALVO
19	SÉRGIO DE CARVALHO	SYLVIA WACHSNER
20	GUSTAVO DUTRA	ANTONIO DELFIM NETTO
21	JOSE AUGUSTO TRINDADE	ROBERTO PARAISO ROCHA
22	IGNACIO TOSTA	JOAO CARLOS FAVERET PORTO
23	JOSE SATURNINO BRITO	NESTOR JOST
24	JOSE BONIFÁCIO	OCTAVIO MELLO ALVARENGA
25	LUIZ DE QUEIROZ	ANTONIO CABREIRA MANO FILHO
26	CARLOS MOREIRA	JORIO DAUSTER
27	ALBERTO SAMPAIO	ANTONIO CABREIRA
28	EPAMINONDAS DE SOUZA	ANTONIO MELLO ALVARENGA NETO
29	ALBERTO TORRES	IBSEN DE GUSMÃO CÂMARA
30	SÁ FORTES	DICK THOMPSON
31	THEODORO PECKOLT	JOSÉ CARLOS AZEVEDO DE MENEZES
32	RICARDO DE CARVALHO	ALONSO ARINOS DE MELLO FRANCO
33	BARBOSA RODRIGUES	ROBERTO RODRIGUES
34	GONZAGA DE CAMPOS	JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES
35	AMÉRICO BRAGA	FABIO DE SALLES MEIRELLES
36	NAVARRO DE ANDRADE	LEOPOLDO GARCIA BRANDÃO
37	MELLO LEITÃO	ALYSSON PAULINELLI
38	ARISTIDES CAIRE	OSANA SOCRATES DE ARAÚJO ALMEIDA
39	VITAL BRASIL	DENISE FROSSARD
40	GETULIO VARGAS	EDMUNDO BARBOSA DA SILVA
41	EDGARD TEIXEIRA LEITE	ERLING S. LORENTZEN



Idos e Vindos de Março

Março é um mês de muitas idas, várias vindas, muitas celebrações e surpresas. Dia quinze de março de 1985 deveria assinalar a posse de Tancredo Neves, porém foi o início de sua agonia.

Empossou-se, para surpresa do próprio José Sarney, um novo presidente da República, que fora eleito para vice.

.....●.....

Esta edição de **A Lavoura** reserva várias páginas sobre a agricultura orgânica. Várias páginas, muita força positiva e uma porção de advertências. A feira Biofach realizada em Nuremberg, na Alemanha, no mês de fevereiro, teve o Brasil como país homenageado. Lá mais uma vez se comprovou o amadorismo de nosso marketing, no espaço pouco atrativo destinado ao Brasil com visível escassez de interessados nos estandes brasileiros. Valha a lição: não se improvisa um empreendimento dessa ordem. Não bastam presenças de ministros e autoridades, não bastam esforços individuais, quando falta público e faltam empresários que na apresentação de seus produtos, devem se expressar em inglês, dialogando com possíveis compradores estrangeiros. Na feira faltou também – é o cúmulo! – amostras e material de divulgação, entregues atabalhoadamente com atraso.

.....●.....

Surpresa, alegria e receios. São três os itens com que Benedicto Fonseca Moreira, subdivide a mensagem da Associação de Comércio Exterior, do final do ano passado. A **surpresa** decorre de terem sido derrotados pela audácia e pragmatismo do empresariado nacional os fatores estruturais, condicionadores e inibidores das exportações. A **alegria** pode ser resumida numa só cifra: a dos US\$ 100 bilhões que devem ser ultrapassados em 2005. Os **receios** são uma decorrência da incerteza de política consistentes de produção e oferta, fundamentais para garantir a continuidade de superávits comerciais que, somados ao ingresso de recursos externos de pouca previsibilidade, cubram o déficit das contas “serviço” e “renda”.

.....●.....

No interior de nossas fronteiras cada dia mais se demonstra a carência dos transportes ferroviários e da cabotagem.

Cada dia se torna mais evidente a criminoso mentalidade “brasiliense”, desde a transferência do Distrito Federal para o

interior de Goiás, com gradual e inexorável assassinato da cidade do Rio de Janeiro, até o festival de toda uma arquitetura política baseada no lobismo e temperada com o desvario de uma máquina administrativa tão ou mais pesada que a da falecida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

.....●.....

Em 1994 Antonio Ermírio de Moraes ressaltava o absurdo de um país continental como o Brasil, ter a metade da rede ferroviária da Índia (30 mil quilômetros). Pois agora esse número baixou para 29 mil – se tanto. Ou seja, apenas 20% de nossa produção se transporta através de ferrovias.

Todos os dias a pujança da produção do agronegócio se reflete nos veículos de informação, mas todos os dias se vê que tudo é transportado em caminhões. As discussões, promessas e propósitos administrativos são tomados para remendar estradas de rodagem, pontes que caíram ou vão desabar.

Falta entre nós o espírito de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, (como relembra Antonio Ermírio) que em 1854 bancou pessoalmente o custo dos primeiros 18 quilômetros da Rio-Petrópolis e em seguida, associou-se com os ingleses para construir mais três projetos ousados: a ferrovia Recife-São Francisco, a Dom Pedro II (depois Central do Brasil) e a Santos-Jundiaí.

.....●.....

Esta “A Lavoura” de março, oferece um fecho de ouro: Rubens Ricupero, embaixador e acadêmico, assume a promotoria pública internacional ao escrever “Alguns crimes até que compensam”. É um retrato, sem retoques, do atual subsídio norte-americano a seus agricultores.

Elvo Santoro



Para a Sociedade Nacional de Agricultura o mês começou de luto, com o falecimento do diretor Elvo Santoro, (1913/2005). Nascido em Belo Horizonte, foi viga-mestra nas administrações do Colégio Marconi e da Faculdade de Filosofia, de Minas Gerais. Transferindo-se para o Rio de Janeiro ocupou, entre outros cargos, a Diretoria Geral do Tribunal Regional Eleitoral, a Vice-Presidência do IPASE, bem assim a assessoria jurídica da TELERJ e do Ministério das Comunicações.

Na SNA foi eleito em 1980 para o Conselho Fiscal, e em 1982 para o cargo de Secretário Geral. Ao todo quase 25 anos de bons serviços prestados à instituição. Fez parte da administração da Escola Wenceslão Belo, emprestando seus conhecimentos e sua cultura refinada na elaboração de documentos ou tomada de decisões – nas diversas empreitadas que vão sedimentando a trajetória da entidade. Ano retrasado passou a integrar a Academia Nacional de Agricultura. Salientou-se Elvo Santoro pela assiduidade às reuniões e pela sobriedade e elegância de suas atitudes, sempre construtivas.

Diretor do Sebrae-RJ visita campus da Penha

AO CAMPUS DA FAGRAM, na Penha (bairro do Rio de Janeiro), recebeu a visita, no dia 15 de fevereiro, do diretor superintendente do Sebrae-RJ, o economista Sérgio Malta, e da vice-presidente da Firjan, Ângela Costa. Eles percorreram instalações, fizeram contato com professores e alunos – entre eles a responsável pelo Diretório Acadêmico da FAGRAM, Raquel de Oliveira Cordeiro – e conheceram as principais pesquisas desenvolvidas no local.

O encontro serviu para aproximar duas instituições que já concretizaram parcerias bem sucedidas, incluindo eventos como os Congressos de Agribusiness e a exposição “Caminhos do Ouro/Estrada Real”, realizada em 2003 no Instituto Cultural da SNA.

Foram feitas visitas a laboratórios, criatórios e demais



Ângela Costa, o aluno da FAGRAM Walcir Soares Correa, Sérgio Malta e Octavio Mello Alvarenga

áreas da Zootecnia e Medicina Veterinária. A diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura, representada por seu presidente, Octavio Mello Alvarenga, o vice-presidente Antonio Alvarenga e a diretora executiva Sylvia Wachsner, estiveram presentes à ocasião.

O Laboratório Anatômico, que é freqüentado por alunos de Zootecnia e Veterinária, foi a primeira área a ser visitada no campus, e mereceu a atenção especial do diretor do Sebrae-RJ. A Biblioteca Teixeira Leite, recentemente modernizada e ampliada, também chamou a atenção de Sérgio Malta que, ao final do encontro, se mostrou particularmente interessado nos avanços alcançados pela FAGRAM nos últimos anos.

A programação foi seguida de almoço, onde a diretoria da SNA, além de dar destaque às parcerias realizadas junto ao Sebrae, fez questão de abordar a ampliação de suas atividades, apresentando iniciativas recentes, como o projeto de Caprinocultura.

SNA participa com êxito da BioFach 2005 na Alemanha

Mais de 85 empresas brasileiras, de pequeno, médio e grande porte, participaram, de 24 a 27 de fevereiro, em Nuremberg, na Alemanha, da BioFach 2005. Este ano, o Brasil foi o tema central da maior feira de produtos orgânicos do mundo, que recebeu 30 mil visitantes e mais de dois mil expositores.

A Sociedade Nacional de Agricultura ganhou destaque na ocasião, ao divulgar o trabalho de duas empresas desenvolvidas em sua Incubadora de Agronegócios: a Ecobras (produtora de tofu e outros derivados da soja), e a Organic Life (trading de café, arroz, soja e mel orgânicos). Ambas as companhias, já inseridas no mercado brasileiro, participaram de rodadas de negócios, visando a exportação de seus produtos e a conquista de uma parcela do mercado internacional.

A SNA esteve representada na

BioFach por sua diretora executiva, Sylvia Wachsner e pelo diretor da Organic Life, Adriano Figueiredo. A participação brasileira na feira foi organizada

pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex), Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria e ministérios da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e Desenvolvimento, Indústria e Comércio. O SEBRAE, ao lado de outros órgãos, apoiou mais de 35 pequenas empresas participantes.

O diretor da Organic Life, Adriano Figueiredo, desde o primeiro dia de feira, esteve presente em várias reuniões com compradores europeus, sinalizando novos negócios, com propostas a serem trabalhadas na sua volta ao Brasil.

A diretora executiva da SNA, Sylvia Wachsner, comentou que a feira foi bem visitada e gerou uma grande procura pelos orgânicos. Ela ressaltou a presença da *chef* brasileira Flávia Quaresma que, na inauguração

oficial do pavilhão brasileiro, preparou alguns pratos para os ministros Luís Furlan e Roberto Rodrigues (do Brasil), Renate Künast (ministra da Agricultura da Alemanha), entre outros convidados que estiveram presentes à abertura do evento. A *chef* elaborou receitas com os produtos da Ecobras, incluindo desde o queijo de soja (tofu) às pastas naturais.

Abertura

Além de representantes do Governo brasileiro, os secretários de Agricultura dos Estados do Rio de Janeiro, Christino Áureo, e do Espírito Santo, Ricardo Ferraço,



O ministro Luís Furlan ao lado da diretora executiva da SNA, Sylvia Wachsner, no estande da SNA na BioFach



Rosina Guerra, do Planeta Orgânico, e o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, visitam o estande da SNA na BioFach, na Alemanha



Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG)

maneira notável na Europa. Segundo ela, os consumidores desejam que os produtores sejam bem pagos, que exista proteção ao meio ambiente e que se cumpram as leis trabalhistas.

Vandana Shiva, ativista ambiental da Índia, que ganhou o prêmio Right Livelihood Award em 93, conhecido como Prêmio Nobel Alternativo, também compareceu à BioFach. Bastante aplaudida, ela afirmou que os produtos convencionais são mais baratos devido aos subsídios que recebem, desde a



Adriana Figueiredo, da Organic Life, incubada da SNA, conversa com Ulrike Zankel, assessora internacional da empresa

conferiram as tendências do mercado orgânico internacional.

Durante a abertura, a ministra alemã da Alimentação e Defesa ao Consumidor Renate Künast – que recebeu de Roberto Rodrigues o convite para participar da Biofach América Latina (16 a 18 de novembro de 2005, no Riocentro/RJ), falou sobre a importância do mercado bio-orgânico na Alemanha, lembrando que este segmento continua a crescer de

produção à comercialização. Vandana disse ainda que na Índia os orgânicos poderiam ser 90% mais baratos, se fossem retirados os subsídios à agricultura convencional, e declarou: “Orgânicos não devem ser um nicho a ser explorado, mas sim o único

BIOFACH 2005

Balanço

NÚMERO DE VISITANTES: 30 mil.

EXPOSITORES: 2.035 (7% a mais do que em 2004, que teve 1.897 expositores). 2/3 deles vieram de outros países, correspondendo a 67% da feira.

EMPRESAS: A participação alemã na BioFach registrou crescimento. Além da presença forte de países como Espanha e França, cujo mercado de orgânicos vem ocupando espaços de maneira significativa, novos países europeus compareceram à BioFach e chamaram atenção, como a Polônia, Hungria e Bósnia.

BRASIL: foi o país homenageado da feira este ano. Mais de 85 empresas nacionais, de vários estados brasileiros, participaram da BioFach.

PARTICIPAÇÃO DA SNA: A Sociedade Nacional de Agricultura levou à BioFach duas empresas incubadas: a Ecobras (produtora de *tofu* e derivados da soja), e a Organic Life (comercializadora de café, arroz, soja e mel orgânicos, entre outros produtos).

MERCADO MUNDIAL DE ORGÂNICOS: Crescimento de 9,9% em 2004, com aumento de área cultivada de 24 milhões para 26,5 milhões de ha. A estimativa das entidades FiBL, SÖL, IFOAM e da *Organic Monitor* para o mercado de produtos orgânicos é de 19,5 bilhões de Euros para todos os países. A Europa, com vendas estimadas de 10,1 bilhões de Euros, ainda mantém a dianteira, frente aos EUA.

modo de produção para um planeta sustentável.”

Já o Planeta Orgânico (bem representado por Rosina Guerra e Maria Beatriz Costa, também diretoras técnicas da SNA), promoveu a BioFach América Latina, em seu

estande e em todos os pavilhões onde estavam distribuídos cartazes da principal Feira de Negócios da América Latina de produtos e serviços orgânicos. O ministro Roberto Rodrigues foi apresentado à Herta Krausmann, presidente da Nuremberg Global Fairs (organizadora da BioFach) e confirmou o apoio do Ministério da Agricultura à edição latino-americana da feira, destacando a importância do Brasil em sediar um evento deste porte.

Exportações

No balanço geral, a BioFach 2005 gerou resultados positivos. A maior parte das exportações acertadas terá Alemanha, Estados Unidos, Itália e Holanda como destinos, mas produtos orgânicos brasileiros também seguirão, em breve, rumo à Eslovênia, Turquia, Marrocos, Emirados Árabes e Israel, entre outros países. Calcula-se que 7,5 mil visitantes passaram pelos corredores e estandes brasileiros e que a praça de degustação atendeu duas mil pessoas em quatro dias.

O Brasil esteve representado por pequenos produtores de argila, café, cachaça, camarão, cogumelos, mel, barras de cereais, biscoitos, geléias, arroz, frango, flores, frutas, e também pela Native, maior produtora de açúcar orgânico do mundo que também produz café e suco de laranja.

Porém, a participação na feira não rendeu apenas exportações. Especialmente os pequenos produtores encontraram entre os conterrâneos possíveis parceiros de negócios. A BioFach 2005 serviu também como vitrine de aprendizagem para muitos produtores sobre as rígidas exigências de certificação orgânica, rastreabilidade assim como apresentação dos produtos, sem as quais dificulta-se a entrada no mercado europeu. Para muitos agricultores familiares ou associações de pequenos produtores, os contatos foram bons e espera-se que na próxima feira o Brasil tenha ainda melhor representatividade.

Formatura de Zootecnicistas da FAGRAM

NO DIA 14 de janeiro de 2005, no auditório da Sociedade Nacional de Agricultura, no Centro do Rio de Janeiro, teve lugar a solenidade de Colação de Grau da 6ª turma de formandos em Zootecnia da Faculdade de Ciências Agro-Ambientais-

FAGRAM, aberta por seu diretor geral e Patrono Dr. Octavio Mello Alvarenga e que contou com a presença de docentes, funcionários, amigos, familiares e homenageados Paraninfá: Professora Rosângela Fonseca Teixeira de Freitas e Nome de Tuma; Professor José Carlos Coelho da Rocha.

A FAGRAM, mantida pela Sociedade Nacional de Agricultura, lança no agronegócio e nas ciências ambientais brasileira mais um qualificado grupo de zootecnistas já absorvidos pelo mercado de trabalho, como por exemplo, o zootecnista Barnabé Salles Filho no cargo de sub-secretário de Agricultura da Prefeitura de Itaboraí-RJ; o zootecnista Diego Quintanilha Vieira, professor e responsável técnico pelo setor animal do Colégio Agrícola de Cabo Frio-RJ; o zootecnista Leonardo Trovão da Silva, convocado para o julgamento de zebuínos, além de outros graduados atuando na área de Zootecnia, através de assistência técnica e consultorias.

A FAGRAM vem, portanto, contribuindo significativamente para o aumento do conhecimento na área de Zootecnia a nível nacional, formando profissionais portadores de saber teórico e prático capazes de estabelecer a mudança que o campo exige, a cidade espera e a sociedade necessita. ■



6ª turma de formandos da FAGRAM, da esquerda para direita em cima: João Carlos de Azevedo Lunha, Diego Quintanilha Vieira, Leonardo Trovão da Silva; Embaixo: Barnabé Salles Filho, Germária Meireles da Silva e Ernesto Ferreira de Souza Neto

Febre aftosa

Comercialização de vacinas em 2004 supera expectativas e bate novo recorde

A INDÚSTRIA veterinária comercializou 348 milhões de doses de vacinas contra febre aftosa em 2004, ante 328,2 milhões de doses em 2003. Os dados são da Central de Selagem de Vacinas (Vinhedo/SP), órgão constituído em parceria entre o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Outra notícia positiva, também segundo informações da Central de Selagem de Vacinas, refere-se ao aumento das vendas de vacinas contra aftosa no Norte e no Nordeste, regiões que aceleram o combate à doença. Estados como Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Rondônia e Ceará, por exemplo, aumentaram a demanda em 138%, 54%, 50%, 47%, 32%, 24% e 12%, respectivamente.

Segundo o Sindan, os números de 2004 superaram as próprias expectativas da indústria veterinária, que trabalhava com previsão de comercialização

de 340 milhões de doses. O resultado positivo no combate à febre aftosa é, de acordo com o Sindan, reflexo da importância dada pelo ministro Roberto Rodrigues às regiões Nordeste e Norte e pela parceria dos vários elos da cadeia produtiva da carne bovina, empenhados em erradicar definitivamente a doença do País.

A parceria referida pelo Sindan envolve desde a Central de Selagem de Vacinas, que assegura a rastreabilidade de 100% da vacina comercializada no País, os fabricantes, que colocaram no mercado volume suficiente para atender a demanda e manter elevados estoques, os investimentos nos testes EITB para diferenciação de títulos sorológicos devidos a proteínas não estruturais provenientes de vacina dos títulos da infecção natural, o apoio da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA) e do Fundo Nacional de Defesa da Pecuária (Funadep), até a ajuda aos vizinhos, como Bolívia e Paraguai.

"Há dois anos o Brasil não enfrenta problemas de abastecimento de vacinas e trabalha com estoques superiores ao volume de segurança de 40 milhões/doses exigido pelo MAPA. Atualmente são 95 milhões de doses de vacinas contra febre aftosa disponíveis", afirma

Emílio Salani, presidente do Sindan. "Além disso, o Brasil possui o maior parque industrial do mundo com capacidade superior a 500 milhões de doses por ano", complementa Salani.

Para 2005, a expectativa é de novo recorde na comercialização de vacinas contra febre aftosa, a estimativa do Sindan indica um consumo de 360 milhões de doses nesse ano. ■

Central de selagem de vacinas, órgão do MAPA responsável pelo controle e distribuição de todas as doses de vacina contra febre aftosa comercializadas no Brasil

Cooperativas atingem recorde de exportação em 2004

Exportações diretas chegam a US\$ 2 bilhões e superam expectativas; China foi o principal comprador de produtos brasileiros

AS COOPERATIVAS brasileiras exportaram o equivalente a US\$ 2 bilhões no ano passado. Os dados foram levantados pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O valor é 53% superior ao que foi exportado pelas cooperativas em 2003 – US\$ 1,3 bilhão. Em relação ao volume, o total exportado em 2004 foi de 7,19 milhões de toneladas, 34% a mais do que em 2003, quando foram exportadas 5,34 milhões de toneladas.

Os principais produtos exportados pelas cooperativas foram, respectivamente, a soja (US\$ 764 milhões), açúcar (US\$ 266 milhões), carne de frango (US\$ 185 milhões) e café (US\$ 133 milhões). O principal comprador foi a China (US\$ 328 milhões). Em seguida estão a Alemanha e os Emirados Árabes Unidos.

O presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, salienta que o balanço superou as expectativas iniciais da OCB em relação às exportações. "Os bons números refletem a profissionalização das cooperativas e melhor participação dos produtos dos cooperados no mercado externo", diz Freitas. ■





Uvas sem sementes têm grande aceitação do mercado

A PRODUÇÃO e consumo de uvas sem sementes é uma tendência mundial. A Embrapa, está realizando um trabalho de validação deste tipo de fruta, sendo que Canguçu é o único município do Rio Grande do Sul que dispõe de uma unidade de validação, monitorada nos últimos quatro anos pela Embrapa Clima Temperado, sediada em Pelotas, e a Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves. Agora, as primeiras uvas sem sementes, produzidas em unidade familiar, começam a chegar ao mercado regional e já podem ser encontradas em fruteiras e supermercados de Pelotas, Canguçu, Rio Grande e Jaguarão, devendo em

seguida também ser comercializadas em outras localidades.

As uvas sem sementes – tecnicamente chamadas de apirênicas – são vendidas em embalagens de um quilo e provêm de duas seleções avançadas do programa de melhoramento genético da Embrapa Uva e Vinho e mais duas variedades recém lançadas, BRS Clara e BRS Morena. De acordo com o pesquisador Luis Eduardo Antunes, um dos pesquisadores da Embrapa Clima Temperado que têm oferecido suporte técnico à unidade de validação e produção, também em outras regiões brasileiras onde existem tais unidades começam a chegar ao mercado as novas variedades de uvas. Os consumidores brasileiros têm demonstrado grande aceitação e preferência pelas apirênicas, em função de aspectos como sabor, aroma e aparência, entre outros. As uvas sem sementes de Canguçu são colhidas no momento adequado, o que faz com que tenham um teor natural de açúcar superior à média. Uvas vindas de São Paulo e Paraná e comercializadas na região costumam ser colhidas antes da plena maturação, o que desfavorece seu paladar e aparência em relação às apirênicas locais. ■

Uvas colhidas no momento certo têm teor natural de açúcar superior

Barraginhas recuperam regiões degradadas

A TECNOLOGIA das barraginhas, cujos trabalhos são coordenados pelo engenheiro agrônomo da Embrapa Milho e Sorgo Luciano Cordoval de Barros, foi um dos temas expostos durante a 5ª edição do Fórum Social Mundial. O evento aconteceu em janeiro passado em Porto Alegre-RS com a participação de mais de 150 mil pessoas de dezenas de países.

A construção de mini-açudes (barraginhas) tem como objetivo captar as águas das chuvas, evitando que elas escoem rapidamente, provocando problemas como erosão do solo e enchentes. Essa tecnologia faz com que as águas permaneçam nesses mini-açudes pelo menor tempo possível, de modo que eles se recarreguem o maior número de vezes durante o ciclo chuvoso.

Essa tecnologia proporciona elevação do nível de água do lençol freático, revitalização de córregos e rios, maior tempo de umidade dos solos de baixada e diminuição dos efeitos de enchentes e veranicos. A tecnologia é de abrangência nacional, sendo especialmente recomendada para recuperação de regiões degradadas. Beneficia agricultores de todas as categorias, mas os que mais ganham com a implantação das barraginhas são os agricultores familiares.

A elevação do nível da água no solo pode ser percebida pelo aumento do

nível da água nas cisternas, pelo umedecimento das baixadas e mesmo através do surgimento de minadouras. Dessa forma, as estiagens são amenizadas e os plantios de lavouras, hortas, pomares e a abertura de cacimbas ficam favorecidos. A eliminação do caminhar-pipa nas regiões semi-áridas para o abastecimento humano e animal é outra consequência positiva do sistema, que deve estar sempre associado a outras atividades de conservação de solo, como o plantio direto. ■

As barraginhas captam água da chuva, evitando problemas como a erosão do solo e enchentes.

EMBRAPA MILHO E SORGO



Tecnologia pode render

economia de US\$ 10 mil/ano a produtores rurais

REDUZIR a proporção de touro:vaca de 1:10 para 1:25 pode representar uma economia anual da ordem de US\$ 10 mil para o bolso dos produtores rurais

pantaneiros. A estimativa foi feita por pesquisadores da Embrapa Pantanal (Corumbá, MS), com base em mais de dez anos de estudos feitos na região. Desde então, a tecnologia foi disponibilizada aos produtores rurais, que, só agora, partem em busca de mais informações sobre os resultados econômicos que a aquisição de animais selecionados para a propriedade no Pantanal pode gerar.

O pesquisador da Embrapa Pantanal, o médico veterinário José Robson Bezerra Sereno, acredita que o fato deve-se a uma mudança observada no perfil dos produtores. "Os pecuaristas estão buscando, cada vez mais, otimizar os investimentos em sua propriedade, procurando ser mais práticos no que diz respeito à produtividade da fazenda", ressalta

Sereno. Ele também destaca que estudos feitos na região demonstram a viabilidade econômica da incorporação da tecnologia no sistema de criação extensivo do Pantanal, proporcionando uma redução nos custos de produção do bezerro nascido de 60% – percentual que pode ser canalizado para a aquisição de reprodutores geneticamente superiores.

"Atualmente, a produção própria de touros no Pantanal é muito pequena, alcançando, na melhor das hipóteses, um percentual próximo de 10% da demanda total estimada em 25 mil animais", aponta o pesquisador da Embrapa Gado de Corte Antônio Rosa. Segundo ele, o grande problema reside na grande proporção de touros "ponta-de-boiada" – animais de genética questionável – que representa cerca de 25%. Mesmo assim, estima-se que sejam transferidos do Planalto para o Pantanal 16 mil touros, todo o ano.

Em algumas situações, explica o pesquisador, esta prática de uso de animais "ponta-de-boiada" se fundamenta na falta de informação do fazendeiro. "Ele acha que por se posicionar na cabeceira do rebanho aquele animal vai lhe trazer benefícios, ao ser utilizado como touro.

Sem um programa de seleção, no entanto, com uso adequado das ferramentas de avaliação genética, ele tem muito pouca precisão nesta escolha. Além do mais, o valor genético médio do seu rebanho normalmente é muito mais baixo do que o que aquele verificado nos plantéis de seleção, onde são utilizados touros e matrizes superiores", avalia, ressaltando que, mesmo acertando na escolha do animal, os progressos genéticos serão muito lentos.

Outro problema, segundo ele, está na atual conjuntura econômica, que leva o produtor a enfrentar sucessivas crises. "A oferta de touros selecionados no próprio Pantanal é muito pequena, sendo que as melhores praças para a compra de touros são distantes, o transporte de animais até a fazenda é trabalhoso e caro. Diante desta situação e do preço dos touros ser considerado elevado, ele acaba por usar ponta-de-boiada", destaca, acrescentando que o produtor acaba sendo obrigado pelas circunstâncias. "Em qualquer das duas situações, no entanto, falta de conhecimento ou de recursos financeiros, o que acaba acontecendo é o fazendeiro perder oportunidade para melhorar o seu rebanho. E ele vai ficando cada vez mais para trás", diz. ■

EMBRAPA PANTANAL/GUTIERREZ



A tecnologia poderá proporcionar uma redução de 60% nos custos de produção do bezerro nascido

Agrishow 2005

em nova data

PÚBLICO superior a 150 mil visitantes, sendo pelo menos 3 mil estrangeiros, mais de 600 empresas expositoras, 10% de outros países, mais de 1.200 demonstrações dinâmicas, cerca de 2.500 marcas diferentes, 15 mil vagas para estacionamento, área total superior a 240 hectares. Estes são alguns dos números que fazem da Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação (Agrishow), de Ribeirão Preto (SP), o maior evento agropecuário da América Latina e um dos três maiores do mundo.

A 12ª edição da Agrishow Ribeirão Preto está programada para os dias 16 a 21 de maio, no Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios do Centro-Leste – Anel Viário, Km 321 – Ribeirão Preto (SP). A feira sempre foi realizada no final de abril/início de maio, mas ganhou nova data para, entre outros aspectos, facilitar a logística dos expositores que também marcam presença na Agrishow

TEXTOS: ASSESSORIA DE COMUNICAÇÕES



Agrishow: maior evento agropecuário da América Latina

Cerrado, de Rondonópolis (MT), que será realizado entre 19 e 23 de abril, explica Sérgio Magalhães, presidente do Sistema Agrishow.

Bioenergia e outras novidades

Os destaques da Agrishow Ribeirão Preto 2005 incluem a bioenergia. "No ano passado, abrimos espaços para o lançamento do Projeto de Biodiesel com grande sucesso. Em 2005, estamos motivando a presença de indústrias que

investem nessa opção revolucionária de energia", assinala o presidente do Sistema Agrishow.

A agricultura de pequeno porte será ampliada, com projetos de olericultura. E a piscicultura também ganha importância. "Nosso negócio é abrir espaço para o agronegócio, em todas as suas proporções. A Agrishow Ribeirão Preto tem esse perfil e em 2005 amplia sua dimensão", diz Sérgio Magalhães. ■

Firjan promove integração entre universidade e indústria

A FEDERAÇÃO das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) lançou, em dezembro do ano passado, o projeto Integração Universidade-Indústria que torna disponível para o setor industrial as pesquisas tecnológicas desenvolvidas por seis centros de excelência acadêmica. São mais de 200 linhas de pesquisa, reunidas num cd-rom, com soluções encontradas pela academia para atender às demandas reais da atividade industrial.

São pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio de

Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), PUC-Rio e Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV). As pesquisas estão também voltadas para o controle ambiental no tratamento de água e efluentes, na qualidade do ar, na preservação do solo e nas áreas de energia, gestão ambiental e inserção regional.

O cd-rom é fornecido gratuitamente às

empresas interessadas e pode ser obtido na diretoria de Meio Ambiente da Firjan. Para localizar as pesquisas, há uma ferramenta de busca por autor, por palavras-chave e por assunto. Também estão relatados no cd-rom casos de parcerias bem-sucedidas entre indústrias e cada um dos seis centros de pesquisa da Universidade. Há, ainda, informações sobre instituições internacionais e locais de financiamento à pesquisa. ■



Evento de lançamento do projeto "Integração Universidade-Indústria". Da esq/dir: Luís Augusto Azevedo e Isaac Plachta, respectivamente gerente e presidente do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN; Marcus Maurell Monteiro, assessor da Diretoria SEBRAE/RJ e, falando, Cyro Eyer do Valle, engenheiro Ambiental

Hora de controlar e prevenir a ferrugem asiática

COM O AUMENTO do número de focos da ferrugem asiática, que já atinge 12 estados brasileiros (MT, PR, RS, MA, GO, MS, SP, SC, DF, TO, RO, BA), os sojicultores precisam adotar medidas eficazes de controle e prevenção. O pesquisador da Embrapa Cerrados, Plínio Itamar de Mello de Souza, explica que as medidas para controlar a doença envolvem o controle genético, cultural e químico.

A queda prematura das folhas é uma das características da infecção pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causador da ferrugem. O primeiro sintoma é o amarelecimento das folhas. Quanto mais cedo ocorrer a desfolha, menor será o tamanho dos grãos e, conseqüentemente, maiores as perdas de rendimento e qualidade. O controle genético ocorre a partir do desenvolvimento de materiais resistentes, ou seja, variedades resistentes à doença.

Para fazer o controle cultural deve-se seguir algumas orientações. A primeira é evitar a monocultura de soja, pois a proliferação de fungos, insetos, doenças e pragas será maior. O espaçamento entre linhas deve ser igual ou superior a 45 metros, pois quando as plantas estão muito próximas há maior dificuldade de penetração dos fungicidas nas camadas inferiores da planta.

Também é importante, de acordo com o pesquisador da Embrapa Cerrados, seguir a

época correta de semeadura, não permitir o desenvolvimento de "soja guaxa" ou "tiguera" e a ocorrência de desequilíbrio nutricional da planta. Na opção pelo controle químico, deve-se começar a monitorar o estágio vegetativo e observar as folhas. Quando o plantio é tardio, o monitoramento deve ser quase que diariamente para que a aplicação do fungicida seja feita imediatamente à detecção da doença, pois quanto mais tarde maior a pressão do inóculo.

Resistência às pragas

A segunda praga que mais preocupa na cultura da soja é o nematóide de cisto, que começou a atacar as lavouras em 1992. A praga ataca a raiz da soja, prejudica o crescimento e provoca a morte da planta antes de completar o ciclo. O programa de melhoramento da soja desenvolvido pela Embrapa Cerrados lançará, na próxima safra, a cultivar Raíssa, resistente ao nematóide de cisto.

Outras cultivares lançadas pela Embrapa Cerrados que terão sementes disponibilizadas para os produtores são a Indiara e a Raimunda. Ambas são resistentes ao nematóide de galha. O nematóide de galha, assim como o de cisto, ataca a raiz da planta. A identificação da doença é feita pelas folhas, ficam com manchas, e as raízes com galhas. Além de resistentes aos nematóides, essas cultivares produzem, pelo menos, 5% acima das



Folha de soja atacada pela ferrugem asiática

variedades mais plantadas no país, que são a Conquista, Pintado e Sambaíba.

Nos anos de 2000 a 2003, as cultivares lançadas pela Embrapa Cerrados tiveram um aumento de 14,4% de produtividade. Isso pode representar um ganho genético de até 3%, superior aos Estados Unidos que é de 1%. O programa de pesquisa de soja de Embrapa Cerrados tem a finalidade de lançar variedades mais produtivas e estáveis, tolerantes aos obstáculos ambientais, resistente às pragas e doenças e com alta qualidade de semente.

O tempo de pesquisa, na Embrapa Cerrados, para o lançamento de uma cultivar varia de 7 a 8 anos. O pesquisador Plínio de Souza estima que tenha sido gasto entre 500 a 1 milhão de dólares na pesquisa para cada cultivar. O custo das pesquisas é feito pela iniciativa privada, a partir do convênio com o Centro Tecnológico para Pesquisa Agropecuária (CTPA), formado produtores de sementes. ■

Cooperativas atingem recorde de exportação em 2004

EXPORTAÇÕES diretas chegam a US\$ 2 bilhões e superam expectativas; China foi o principal comprador de produtos brasileiros

As cooperativas brasileiras exportaram o equivalente a US\$ 2 bilhões no ano passado. Os dados foram levantados pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O valor é 53% superior ao que foi exportado pelas cooperativas em 2003 – US\$ 1,3 bilhão. Em relação ao volume,

o total exportado em 2004 foi de 7,19 milhões de toneladas, 34% a mais do que em 2003, quando foram exportadas 5,34 milhões de toneladas.

Os principais produtos exportados pelas cooperativas foram, respectivamente, a soja (US\$ 764 milhões), açúcar (US\$ 266 milhões), carne de frango (US\$ 185 milhões) e café (US\$ 133 milhões). O principal comprador foi a China (US\$ 328 milhões). Em seguida estão a Alemanha e os Emirados Árabes Unidos.

O presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, salienta que o balanço superou as expectativas iniciais da OCB em relação às exportações. "Os bons números refletem a profissionalização das cooperativas e melhor participação dos produtos dos cooperados no mercado externo", diz Freitas. ■



Produtores voltam a investir em equipamentos para ordenha

Mercado de leite *segue rota de crescimento em 2005*

Medidas anti-dumping em relação à Argentina ajudam consolidar mercado interno brasileiro; setor deve crescer até 5% este ano

AS MEDIDAS do governo federal em relação ao leite em pó da Argentina vão contribuir para manter o crescimento do setor leiteiro no Brasil em 2005. A estimativa é da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios (CBCL). A expectativa dos produtores é que o setor cresça entre 4% e 5%, em relação a 2004.

Em 18 de fevereiro passado, a Câmara de Comércio Exterior (CAMEX) publicou no Diário Oficial da União (DOU) resolução prorrogando por mais três anos os preços mínimos aplicados sobre as

importações de leite em pó da Argentina. Essa medida, que neutraliza as importações desleais provenientes do país vizinho, teve início com a petição apresentada pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), com apoio da OCB/CBCL e da Leite Brasil, em dezembro de 2003.

Como a Argentina é o principal exportador de leite em pó para o Brasil, o fato do produto não ser importado com dumping é uma garantia de defesa do mercado interno. Na avaliação das cooperativas, o próximo passo é o resultado da investigação para prorrogação dos preços mínimos sobre as importações de leite em pó do Uruguai, que deverá ser anunciada até o dia 4 de abril.

"O fato de conseguirmos a mesma decisão em relação ao Uruguai vai garantir que o mercado se mantenha em bases razoáveis", explica o diretor-executivo da CBCL, Paulo Bernardes. "Com essa decisão em relação à Argentina, o setor de leite brasileiro vai permanecer em um ambiente favorável, o que permite às cooperativas expandir seus negócios e fortalecer a balança comercial brasileira", completa o presidente da

OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Em 2004, pela primeira vez as exportações de leite e produtos derivados encerraram o ano com superávit na balança comercial de US\$ 11,45 milhões. As vendas externas de produtos lácteos atingiram US\$ 95,38 milhões, o que representou um crescimento de 96,6% em relação à 2003 – US\$ 48,5 milhões. A estimativa é que cerca de 45% das exportações foram realizadas pelas cooperativas.

Preços melhores do leite já se refletem no aumento das vendas de equipamentos para ordenha

A recuperação dos preços do leite ao produtor em 2004 – quando a média mensal do litro do tipo C ficou em torno dos R\$ 0,50 – reflete-se diretamente no desempenho da indústria de equipamentos para produção de leite. A WestfaliaSurge, por exemplo, comercializou no ano passado mais de 50 unidades de uma sala de ordenha, voltada exatamente para os produtores que investem em leite de qualidade.

"Interessante observar que os negócios não estão centralizados em uma única região do País, mas em várias, como Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste", informa Luiz Cutolo, diretor-geral da empresa.

Cutolo destaca localidades tradicionais em leite que voltaram a investir na atividade após 10 ou 15 anos, como a região de Castro, no Paraná. "No começo da década passada, os produtores de leite de Castro renovaram suas estruturas de ordenha. Como os preços finais estão em melhores níveis, os equipamentos estão sendo substituídos", explica o diretor da WestfaliaSurge. ■

Saúde animal

Setor privado do Brasil sugere ajustes para aprimorar Plano de Erradicação da Febre Aftosa nas Américas

Plano – que entra em sua fase de conclusão – prevê erradicação da aftosa até 2009

O PLANO DE ERRADICAÇÃO da febre aftosa nas Américas, definido pelo Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa nas Américas (GIEFA) entra em sua fase final.

Após aprovação na reunião dos ministros de Agricultura e setores privados do Comitê Hemisférico para a Erradicação da Febre Aftosa (COHEFA), em Brasília e na Organização Panamericana de Saúde (OPS), em Washington (EUA), o plano foi enviado aos países membros que tiveram até final de janeiro de 2005 para apresentar suas observações regionais.

De acordo com o membro do Giefa, Sebastião Costa Guedes, também presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte e consultor do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindant), o setor privado brasileiro já fez suas observações e ajustes visando ressaltar, acrescentar ou corrigir algum item do plano e enviou o material recentemente ao Centro Panamericano de Febre Aftosa (PANAFOSA).

Dentre as sugestões do setor privado brasileiro está a necessidade de destacar claramente as áreas prioritárias preocupantes, quer sejam de risco desconhecido, de dúvidas ou suspeitas constantes ou com deficiente infraestrutura de defesa, e direcionar os recursos dos fundos internacionais para aplicação exclusiva nestas áreas.

"Estamos falando das áreas

Chaqueña Sulamericana, envolvendo territórios de Bolívia, Paraguai e Argentina, zonas de Equador e Venezuela, zonas da Bolívia e Paraguai fronteiriças com Brasil e as regiões ainda não incorporadas ao Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA), como o Norte do Brasil envolvendo os estados de Amazonas, Roraima, Amapá e parte do Pará, e o Nordeste Brasileiro com os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão", explica Sebastião Guedes.

Outra importante observação do setor privado ao plano de erradicação da aftosa nas Américas trata da questão de biossegurança. As sugestões envolvem desde a determinação de envio de material suspeito a laboratórios credenciados, capacitados e providos de biossegurança; rotina de auditorias nesses laboratórios; exigência da eliminação de qualquer manipulação do vírus da aftosa sem condições de



"É importante se implantar mecanismos de punição para quem não seguir as normas"

biossegurança; uso somente de vacinas biosseguras e sem proteínas não estruturais, até a determinação de que todo laboratório de produção de biológicos ou de diagnóstico no continente tenha segurança biológica de nível P 3+.

Os cuidados com as vacinas contra a febre aftosa definidos no plano também merecem destaque nas considerações feitas pelo setor privado.

Sebastião Guedes afirma que a vacina trivalente (OAC) deve ser

usada no Brasil e recomendada para Paraguai, Bolívia, Venezuela e para o Departamento de Amazonas na Colômbia, para evitar a disseminação do vírus C na região.

"O Brasil sempre utilizou a vacina trivalente contra os vírus O, A e C, decisão da maior importância para a proteção total do rebanho nacional contra os três vírus presentes no nosso continente. A presença do vírus tipo C no foco no Amazonas deve levar a um retorno da vacina trivalente em alguns países", acrescenta Guedes.

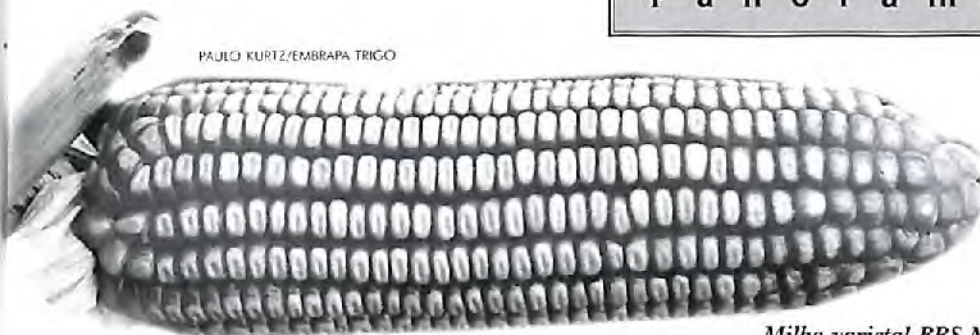
Outras questões sobre as vacinas envolvem: a rastreabilidade da comercialização das mesmas, desde o laboratório produtor até o criador que a use; a obrigatoriedade dos testes de inocuidade para todas as vacinas usadas no continente; a obrigatoriedade do uso de vacinas oriundas de fábricas dotadas de biossegurança ao nível P3+; e a definição de conceitos e condições para bancos de reserva de vacina no continente.

O setor privado pede ainda que a região use apenas tecnologias recomendadas pela Organização Internacional de Epizootias (OIE) na produção de vacinas, eliminando o antigo método Frenkel de inoculação de epitélios de bovinos. "Alguns países tentam reintroduzir esse método que poderia envolver riscos de transmissão de doenças desconhecidas, tipo das encefalopatias espongiformes", explica Sebastião Guedes.

"Por fim, também achamos de extrema importância a implantação de mecanismos claros de punição a quem não seguir normas, tanto criadores, industriais, bem como países ou estados e ainda penas maiores para reincidentes. Todas essas ações são fundamentais para o êxito do plano de erradicação", completa o membro do GIEFA.

O plano continental foi elaborado após a realização da Conferência Continental de Erradicação da Febre Aftosa, em Houston (EUA), no começo de 2004. Para executá-lo, estima-se que serão necessários US\$ 48,3 milhões nos cinco anos – 2005-2009 previstos para erradicar a doença. ■

PAULO KURTZ/EMBRAPA TRIGO



Milho varietal BRS Missões

Novas cultivares de trigo e milho

Novas cultivares de trigo, a BRS Camboatá, BRS Guabiju, BRS Louro e BRS Umbu, e uma de milho BRS Missões foram lançadas pela Embrapa Trigo.

AS NOVAS CULTIVARES de trigo são indicadas para produção de grãos no RS, destacando-se pelo tipo agrônomo e pelo potencial de rendimento de grãos, superior força de glúten e ampla adaptação. A classe comercial varia de trigos brandos a trigos pão. A mais expressiva é a cultivar BRS Umbu, que sobressaiu nos experimentos pela rusticidade e potencial de rendimento em semeaduras antecipadas. "Essa cultivar é uma alternativa para a diversificação de ciclo e época de plantio, possibilitando, também, a utilização em

duplo-propósito, ou seja, produção de forragem para pastejo, seguida da produção de grãos", avalia o pesquisador Léo Del Duca, da Embrapa Trigo.

Já a variedade de milho BRS Missões, caracteriza-se por estabilidade de rendimento, bom empalhamento, sanidade dos grãos e precocidade. "Nos cenários atuais do agronegócio brasileiro, dentro do segmento usuário de milho varietal, a tendência é a preferência dos produtores pelas variedades de milho de adaptação regional, com menor preço para baixar os custos de produção e com produtividade nas condições de uso, principalmente na agricultura familiar", afirma a melhorista da Embrapa Trigo, Beatriz Emygdio. A pesquisadora lembra a importância do milho varietal para os produtores que buscam empenhar o menor investimento no cultivo: "na região sul, pelo menos 300 mil hectares são semeados com grãos colhidos em lavouras de híbridos, cruzamentos caseiros ou milhos crioulos. É esse espaço que pode ser ocupado pelos novos milhos varietais da Embrapa".



Trigo BRS Camboatá



PAULO KURTZ/EMBRAPA TRIGO

Tecnologia para o controle biológico do percevejo

A EMBRAPA Agropecuária Oeste, localizada em Dourados-MS, está desenvolvendo tecnologia para o controle biológico de percevejos da soja que atacam as lavouras da região através do inimigo natural *Telenomus podisi*, mais conhecido como Vespinha.

Os percevejos da soja causam sérios prejuízos nos grãos, diminuindo a quantidade de óleo e deixando entrada para doenças como o desenvolvimento de fungos, causando também retenção foliar, o que dificulta a colheita.

Este é o primeiro experimento de campo, implantado em Mato Grosso do Sul. Há 10 anos, a Embrapa Agropecuária Oeste vem fazendo levantamento natural para verificação das espécies de parasitóides que ocorrem na região. A tecnologia irá ajudar a reduzir o uso de inseticidas nas lavouras de pequenos e médios produtores, produtores orgânicos e agricultores familiares.

Segundo a pesquisadora Karlla Barbosa Godoy, doutora em Entomologia

agrícola o objetivo é trabalhar ainda durante dois anos nos testes preliminares para avaliar a eficiência do parasitóide no campo e depois divulgar a tecnologia para todos os produtores. Em janeiro passado, foram liberados em uma área de 1,5 hectares, próxima a Ponta Porã (MS), mais de 5 mil ovos parasitados, para acompanhamento semanal do percevejo e da Vespinha. A pesquisadora explicou que será feita uma comparação da área convencional com e sem liberação da vespinha, de maneira a avaliar o seu potencial.

EMBRAPA AGROPECUÁRIA OESTE



Caiolas de criação do percevejo da soja

CRIAÇÃO DE EQÜINOS EVOLUI NO BRASIL, *mas é preciso mais investimentos e tecnologia*

É necessário maior investimento no setor por parte da iniciativa pública federal no sentido do desenvolvimento de pesquisas, treinamento de tratadores, proprietários de haras, etc

LEVO ASSASSORA DE COMUNICAÇÕES



A maior dificuldade dos criadores de cavalos é a falta de informações sobre técnicas de manejo e tecnologias mais adequadas

ANTONIO AUGUSTO COUTINHO
ENGENHEIRO AGRÔNOMO E COORDENADOR NACIONAL DE
EQÜINOCULTURA DA TORTUGA CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA

A EQÜINOCULTURA viveu bons momentos em 2004. Houve crescimento em praticamente todos os segmentos, desde insumos, até a própria valorização dos animais e o volume de eventos realizados. Em parte, essa intensa movimentação deve-se às associações de criadores, que

investem cada vez mais em divulgação, exposições e leilões, e às empresas que atuam na área.

Também não se pode esquecer a situação econômica do País, melhor do que nos anos anteriores. A economia brasileira está em ascensão, proporcionando aquecimento na compra de insumos e produtos. Isso é importante também para atrair novos investidores e para motivar a evolução de tradicionais criadores. ▶

Micotoxinas podem causar alteração no metabolismo e na produtividade dos eqüinos

TEXTO: ASSESSORIA DE COMUNICAÇÕES



Rações contaminadas podem provocar diversos e severos danos aos animais

PRODUZIDAS por fungos e parasitas, as micotoxinas são compostos altamente tóxicos aos animais e aos homens e, por isso, merecem atenção especial dos profissionais envolvidos na criação animal. Dados da FAO, entidade de alimentação e agricultura ligada às Nações Unidas, indicam que cerca de 25% dos grãos no mundo estão contaminados com micotoxinas, o que dá a dimensão do tamanho desse problema.

Trevor Smith, professor do Departamento de ciência Animal da Universidade de Guelph (Canadá), é especialista no assunto. Ele foi convidado para levar informações sobre as micotoxinas em um simpósio realizado recentemente nos Estados Unidos pela Alltech. O evento reuniu cerca de 1300 produtores, técnicos, nutricionista, pesquisadores e empresários do setor vindos de 70 países – o Brasil participou com mais de 80 profissionais.

O pesquisador confirmou que os problemas com micotoxinas têm evoluído consideravelmente nos últimos anos. De acordo com o especialista, os efeitos físicos e aparentes da contaminação dependem do tipo de micotoxina e da sensibilidade de cada animal, e podem variar da redução do consumo de ração à piora da conversão alimentar e das condições físicas. “Os eqüinos estão entre as espécies animais mais sensíveis aos problemas causados pelas micotoxinas do tipo *fusarium*, que nesses animais causam alteração no metabolismo e na produtividade”, esclareceu o professor da Universidade de Guelph.

Segundo ele, a aflatoxina e as toxinas *fusarium* são os

tipos mais comuns de micotoxinas envolvidas em problemas nutricionais nos eqüinos. Ele explicou que as toxinas *fusarium* são as mais difíceis de analisar, devido ao grande número de componentes com diversas variações em suas estruturas químicas.

Dr. Smith esclareceu ainda que a classe de micotoxinas do tipo *fusarium* é formada pelas fumonisinas, ácidos fusáricos, zearelanona, moliformes e tricotecenos – capazes de alterar a química cerebral, aumentando os níveis de serotonina e triptofano, que causam diminuição de apetite. Inibição da síntese protéica celular; hemorragia no trato intestinal (o que pode desencadear a síndrome de má absorção que leva o animal a ter vômito, anorexia e fezes com sangue). Já os ácidos fusáricos também aumentam os níveis de serotonina e triptofano no sangue, causam perda da coordenação muscular, letargia e baixa pressão sanguínea.

Para se ter uma idéia geral do problema, rações e grãos contaminados com apenas 0,5 ppm (parte por milhão) de micotoxinas já podem provocar diversos e severos danos aos animais. Alguns dessas adversidades: retardo de crescimento, deficiência na reprodução, degeneração dos tecidos (necrose), imunossupressão, carcinogênese e mutagênese.

Atualmente, o Brasil conta com plantel estabilizado em 5,9 milhões de equínos, além de 3 milhões de cabeças de muare e asininos. As regiões Sudeste, Nordeste e Sul representam os mais importantes pólos de criação. Cada uma com características específicas.

Os animais voltados para esporte apresentaram destaque maior em 2004. Porém os cavalos de trabalho nunca receberam tanta atenção como nesse ano, com o aumento de informações sobre manejo e cuidados necessários para o bom desempenho. É mais um sinal de mudança da equinocultura no Brasil.

A maior dificuldade dos criadores sempre foi a falta de informações sobre técnicas de manejo e tecnologia mais adequadas, mão-de-obra especializada, além da falta de pesquisas mais detalhadas sobre a criação de cavalos. A iniciativa de mudar essa realidade partiu de empresas privadas ligadas ao setor e em menor parte de órgãos públicos. Hoje, já é possível ter informações de forma gratuita nos sites dessas instituições ou mesmo em publicações especializadas.

Destaque também às associações de raça, hoje mais unidas. Isso é muito importante para o criador. Estão todos investindo em tecnologia, genética, nutrição e sanidade. Nas provas de desempenho de cavalos de esporte, por exemplo, os animais são cada vez mais exigidos. De outro lado, os pecuaristas estão preocupados em terem equínos mais saudáveis e bem

Alimentação adequada *pode evitar a ocorrência da cólica equina*

CUIDADO com a alimentação que você oferece ao seu cavalo. O alerta serve especialmente àqueles que acreditam que, por serem animais fortes, os equínos não necessitam de alimentação balanceada e regular. Segundo o médico veterinário Henry Berger, gerente de produtos para Equínos da Merial Saúde Animal, oferecer alimentação correta aos cavalos evita o surgimento de desconfortos abdominais – as temíveis cólicas equinas. “A Síndrome Cólica nos equínos corresponde a uma série de alterações fisiológicas do sistema digestivo, com manifestações de dor abdominal em maior ou menor grau, podendo levar à morte”, explica o veterinário.

Berger ressalta que é relativamente fácil perceber quando o cavalo apresenta quadro

de cólica. “O problema pode ser identificado por sinais e sintomas clínicos típicos, evidenciados por alterações de comportamento, como olhar constantemente para o flanco, ‘cavar o chão’ com os membros anteriores, deitar e rolar pelo chão, sudorese (suor intensivo), aumento dos batimentos cardíacos, aumento dos movimentos respiratórios, falta de apetite, abdômen dilatado entre outros.

Para prevenir as cólicas equinas, é importante definir uma alimentação balanceada e regular, evitando-se sobrecargas gastrintestinais. “Caso ocorram, as sobrecargas alimentares podem ocasionar o acúmulo de conteúdo no estômago e intestino, que se não forem diagnosticados e tratados em tempo podem evoluir para uma ruptura de estômago e ocasionar a morte do animal”, explica Henry Berger. Deve-se ficar atento também a alterações fisiológicas no estado geral do animal durante o processo: “Se ocorrerem alterações vasculares severas, há risco de hipovolemia, choque endotoxêmico e, conseqüentemente, potencial risco de morte”, completa Berger.

nutridos para lidar com o gado, atividade em que o animal sofre grande desgaste nas atividades diárias.

O ano de 2004 foi positivo, de fato, pois começaram grandes mudanças. Mas ainda é pouco. É necessário investimento maior por parte da iniciativa pública e federal para o desenvolvimento de pesquisas, treinamento de

tratadores, proprietários de haras etc. As empresas também não devem parar seus investimentos. Há mercado com potencial enorme e exigente, além de extremamente profissional. Se tudo isso se “encaixar” ao longo de 2005, com certeza teremos uma atividade das mais lucrativas do campo no Brasil. □

Cromo Orgânico na nutrição de equinos

FOTO: ALESSANDRA DE COMUNICACÕES



O Cromo proporciona aumento do tecido muscular nos animais

OS MINERAIS orgânicos utilizados na nutrição animal trazem benefícios às principais funções dos animais com influência direta no fornecimento de energia e na manutenção e crescimento dos tecidos corporais. Tais fatores devem ser considerados como um diferenciador de grande importância na correta mineralização fornecida ao animais, especialmente aos equinos em fase de crescimento.

Nesse cenário, o destaque é para o mineral orgânico Cromo que, quando utilizado na suplementação mineral de equinos, traz significativos benefícios como, por exemplo, a redução dos problemas de miosite (desordem muscular similar a câibras, travamento); melhora do sistema imune, obtendo maior resistência a doenças; diminuição do estresse, deixando os animais mais calmos e tolerantes para o trabalho, e ao mesmo tempo estimulando todo seu potencial.

Diversos trabalhos e pesquisas vêm demonstrando que este mineral, na forma orgânica, promove, em cavalos jovens e em

treinamento, um maior ganho de massa muscular e menor armazenamento de gordura, comprovando que este mineral estimula o crescimento músculo-esquelético, obtendo, assim, uma maior resposta aos exercícios intensos.

Quando os cavalos estão na fase de crescimento e (ou) treinamento, o organismo do animal requer uma alta demanda de glicose e, nesta circunstância, o Cromo está em falta, necessitando de uma suplementação. Além disso, o Cromo proporciona um aumento de tecido muscular, devido a uma maior eficiência metabólica da glicose e aminoácidos derivados dos alimentos para serem utilizados por tecidos muito ativos.

Outra vantagem da suplementação com cromo

orgânico está na redução da liberação de ácido lático que impede a acumulação de lactato que causaria uma fadiga muscular, muito importante para cavalos de alta performance, e na redução do cortisol plasmático, que durante estresse eleva a glicose no sangue.

Mesmo quando são submetidos a situações de estresse, os cavalos apresentam um melhor aproveitamento tanto em ganho de peso, como na resposta imunológica e, conseqüentemente, um melhor desempenho metabólico durante longos períodos de exercícios.

ALESSANDRA SOARES

Médica veterinária do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária

SYLVIA WACHSNER

DIRETORA DA SNA E MEMBRO DA ACADEMIA NACIONAL DE AGRICULTURA

Produtos orgânicos: que negócio é esse?

Os consumidores exigem alimentos saudáveis, nutritivos, naturais e equilibrados. Segurança alimentar é a ordem do dia! Cada vez adquire mais força a voz dos compradores conscientes, preocupados com a

saúde e bem-estar, que buscam uma melhor qualidade de vida e procuram encontrar alimentos de alta qualidade e com gosto autêntico, sentir o sabor e frescor das frutas, legumes, carnes e hortaliças. Neste mundo globalizado onde tudo se passa de maneira veloz, queremos degustar na comida o antigamente, lembrar das comidinhas feitas em casa pelas avós. Os mesmos consumidores preocupam-se com o meio ambiente e preferem comprar daqueles produtores que com suas lavouras não o degradem. A produção orgânica não usa agrotóxicos e resulta de sistemas de manejo de recursos naturais equilibrados e harmônicos. Os consumidores, sobretudo os europeus, desejam conhecer como foram produzidos e preparados os alimentos.

Produtos orgânicos e lavouras agroecológicas são nichos, segmentos de mercado, um modismo passageiro ou negócios com grande potencial do qual podem participar pequenos e grandes produtores? O mercado de orgânicos está em rápida expansão, sobretudo na Europa, e cada produto leva na sua embalagem o carimbo de certificação. Este serve como instrumento de garantia ao comprador de que está consumindo o resultado de um rigoroso sistema de produção, de processos ecológicos que não agredem ao meio ambiente, onde existe a conservação e recuperação

da diversidade ambiental. Isto sem mencionar o respeito total às regulamentações trabalhistas, indispensáveis à certificação orgânica. É um modo de oferecer a transparência exigida pelos consumidores.

O mercado de produtos orgânicos engloba as práticas desde antes da porteira da fazenda e que se estendem por toda a cadeia de processamento, manuseio, armazenamento e transporte até os alimentos chegarem ao supermercado ou ponto de varejo. Todos os elos são responsáveis pela preservação da qualidade do produto.

Além da preocupação com a segurança alimentar e com o meio ambiente, cresce na Europa a preocupação com a responsabilidade social do produtor rural. O consumidor deseja conhecer quem é o produtor, como é a fazenda, qual é sua filosofia de vida, seu aporte e relação com o desenvolvimento da região onde está situado, que se espera tenha prosperado com a presença da fazenda orgânica. Na criação animal espera-se que o produtor leve em conta todas as boas práticas relativas à saúde e bem-estar animal.

Quais são as práticas trabalhistas da fazenda? Os trabalhadores têm carteira assinada, existem escolas para seus filhos, assistência médica e lazer? Abre-se então uma janela pela qual o comprador dos produtos orgânicos olha para os produtores, que não são mais anônimos e podem ser julgados pelo consumidor. Eles agora têm uma face.

Até cerca de 15 anos atrás os produtos orgânicos podiam ser adquiridos em feiras livres, ou através de pequenos produtores ou lojas naturais, sempre à margem do varejo



convencional. Hoje os orgânicos chegaram à maioria e não são mais vistos como marginais. A popularidade tem crescido, não só na Europa, mas também no Brasil e nos Estados Unidos onde alguns alimentos estão sendo produzidos por empresas gigantes que vão da Nestlé a Unilever. O suco de laranja orgânico que é comercializado sob a marca Odwalla, pertence à Minute Mait, divisão da Coca Cola. Por exemplo, a empresa Cascadian Farms, uma subsidiária do Small Planet Foods, representa a divisão de agronegócios da gigante General Mills que por sua vez tem Philip Morris, General Electric, Nike, McDonald's, Monsanto, Dupont e outras entre suas principais acionistas. Marcas conhecidas em outras áreas, como Wal-Mart, Citigroup, Microsoft e Danone também participam deste mercado.

Como aparecer e ganhar espaço neste mercado mais exigente

Mas a face da produção orgânica pode não ser tão risonha. Principalmente para os pequenos agricultores brasileiros. As regulamentações dos grandes mercados importadores vêm se tornando cada vez mais exigentes, talvez mais que o mercado de produtos convencionais. Os casos de vaca louca, febre aftosa e gripe aviária assustaram os europeus.

O produtor rural, empreendedor (a) ou empresa que decidir participar deste exigente mercado pode levar em média dois anos até adequar sua fazenda aos requerimentos da produção orgânica, dentre eles a certificação. Ela é cara, mas pequenos produtores podem se unir em grupos, através de cooperativas e associações, o que pode ser a saída para reduzir burocracia e custos. Um plano de negócios racional deve levar em conta que o investimento não é baixo e o retorno é de médio a longo prazo. Para não correr riscos desnecessários, as próprias certificadoras credenciadas e outras empresas oferecem consultoria, garantindo ao consumidor a idoneidade de produtos e produtores.

Nos EUA já existe até uma cadeia de supermercados orgânicos, a Whole Foods. Ela apresentou uma taxa de crescimento de 20%, com vendas de US\$ 3,5 bilhões. Em 2004 foi inaugurada uma monumental loja no centro de Manhattan (no centro de Nova Iorque), onde consegue destacar-se pela apresentação atraente de seus produtos. Seth Lubove, na revista norte-americana de economia Forbes, afirma que os produtos da Whole Foods são apresentados ao consumidor de

maneira sedutora. Eles contam uma história que serve de chamariz para as pessoas que desejam consumir produtos provenientes de fazendas e criadores com que eles possam se identificar.

A cadeia desenvolveu até um personagem próprio, Rosie, uma galinha caipira, que, antes de acabar sem penas e cabeça sobre uma cama de gelo no supermercado, morava num sítio na Califórnia, se exercitava ao ar livre e comia milho dourado. E, segundo o panfleto de papel reciclado que acompanha o produto, ela nunca recebeu antibióticos ou hormônios de crescimento. Rosie é comercializada a duas vezes o preço das galinhas convencionais.

Até o macarrão vendido na cadeia não é composto somente de água e trigo embalado num simples pacote. "Pasta" representa o trabalho da vida de um artesão italiano chamado Gino, que, de sua fazenda com vista para o Mar Adriático, coloca seus produtos no Whole Foods iluminados como numa galeria de arte. O preço? US\$ 2,49 por um pacote de 0,454 kg, o que representa 70% a mais do cobrado pela venda de outros tipos de macarrões.

O produto, visto através da transparência das embalagens, deve "gritar": "sou fresco, sou gostoso, fui feito com carinho e sob restritas normas de qualidade para você". Embalagens coloridas e atrativas levam esse recado aos consumidores. Os preços dos produtos orgânicos acabam sendo mais altos do que os dos produtos convencionais, e os consumidores, mais exigentes, devem ser tratados de maneira distinta.

Devemos colocar no mercado produtos diferenciados, vender qualidade, segurança alimentar e credibilidade. No mercado dos orgânicos existe espaço para empreendedores inovadores dispostos a participar de um mercado exigente e que atrai cada vez produtores especializados e grandes empresas.

Brasil ano 2003

Ha. certificados como orgânicos	803.18
Total da área agrícola brasileira	0.23%
Valor da produção orgânica	US\$ 200 milhões
Pequenos produtores	90% das áreas orgânicas

Fonte: IFOAM. "The World of Organic agriculture statistics and Emerging Trends 2005"

Nascem as duas primeiras **POTRAS** obtidas por bipartição de embriões no Brasil

"Branca" e "Neve" são resultados de uma técnica que vai beneficiar a produção e a preservação de eqüinos no país

CLAUDIO BEZERRA MELO



As potrinhas "Branca" e "Neve" são gêmeas idênticas

A EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia conseguiu mais um feito inédito na área de reprodução animal no Brasil: o nascimento das duas primeiras potras desenvolvidas a partir da técnica de bipartição de embriões. "Branca" e "Neve", como foram carinhosamente batizadas, são gêmeas idênticas geradas em úteros distintos, ou seja, foram desenvolvidas a partir de um único embrião, dividido em duas partes iguais, que foram transferidas para duas éguas receptoras, ou "mães de aluguel". "Branca" nasceu no dia 23 de dezembro de 2004 e "Neve" no dia 4 de janeiro de 2005.

A técnica de bipartição de embriões representa uma vitória para o país, tanto do ponto de vista comercial, como de preservação, pois permite aumentar o número de descendentes de um animal de alta qualidade com mais rapidez e

eficiência. Essa técnica é especialmente importante para eqüinos, como explica o coordenador das pesquisas de reprodução animal da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Rodolfo Rumpf, já que não existe hoje um protocolo comercial para indução de ovulações múltiplas nesses animais e, portanto, a bipartição de embriões pode se tornar uma alternativa viável para aumentar o número de potros por doadora/ano.

A Embrapa já tinha conseguido desenvolver gêmeos idênticos pela técnica de bipartição de embriões de bovinos e caprinos, mas com eqüinos essa foi a primeira experiência positiva. Já houve várias tentativas, como afirma Rodolfo, mas todas sem êxito. "Na maioria das vezes, apenas um dos embriões conseguia chegar ao fim da gestação", explica. Dessa vez, o pesquisador e sua equipe trabalharam com embriões jovens o que foi

determinante para o nascimento saudável das duas potrinhas.

A pesquisa que deu origem a "Branca" e "Neve" foi desenvolvida no contexto da dissertação de mestrado defendida pelo bolsista do CNPq, Leonardo Luiz da Silveira, na Faculdade de Agronomia e Veterinária da Universidade de Brasília - UnB, sob a orientação do pesquisador Rodolfo.

O trabalho foi premiado como "Destaque do ano" na área aplicada, durante a VXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Tecnologia de Embriões - SBTE realizada no período de 26 a 29 de agosto de 2004 em Barra Bonita - SP, quando competiu com 400 participantes e 160 trabalhos inscritos.

As potrinhas "Branca" e "Neve" estão na Fazenda Experimental da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, localizada no Distrito Federal. □

NOVAS CULTIVARES

de algodão colorido

CATARINA DONDA

RELAÇÕES PÚBLICAS DA EMBRAPA ALGODÃO

FORAM LANÇADAS em Campina Grande, PB, as duas novas cultivares de algodão colorido da Embrapa: BRS Safira e BRS Rubi, de tonalidade marrom avermelhada. A Embrapa é pioneira no desenvolvimento do algodão colorido no Brasil e já colocou no mercado outras duas variedades: BRS 200 Marrom e BRS Verde, lançadas, respectivamente, em 2000 e 2003.

O lançamento da BRS Safira e da BRS Rubi contou como parceiros Natural Fashion, Karsten, SENAI/CTCC, Coteminas e EMEPA, além do Banco do Nordeste, instituição responsável pelo financiamento da pesquisa. O evento de lançamento, realizado em 9 de março passado, teve como atração principal um desfile de roupas produzidas a partir do algodão marrom avermelhado e de combinações com as outras cores já lançadas pela Embrapa.

Cores que não desbotam

As fibras da BRS Safira e da BRS Rubi não desbotam. "Elas têm excelente solidez ao cloro e à luz, característica muito valorizada pela indústria têxtil", diz Leoni Pasold, coordenador de Pesquisa & Desenvolvimento da Karsten. Testes realizados pela empresa em toalhas feitas a partir do novo algodão demonstraram que o produto preserva a cor mesmo após exposição prolongada à luz e em contato com

As novas cultivares de algodão colorido, Safira...



água clorada, o que em fibras tingidas provoca desbotamento e até manchas.

BRS Rubi e BRS Safira são resultado de um processo de melhoramento genético iniciado em 1996. "Elas foram originadas do cruzamento entre cultivares de fibra branca de boa qualidade adaptadas à região Nordeste e materiais introduzidos de cor marrom escura", explica Luiz Paulo de Carvalho, obtentor das variedades e chefe de Pesquisa & Desenvolvimento da Embrapa Algodão.

Características das plantas

As novas cultivares são herbáceas ou anuais, podendo ser plantadas nas áreas zoneadas para este tipo de algodão. Ambas são bastante

produtivas: em condições de sequeiro, têm rendimento médio de até 1.900 quilos por hectare de algodão em caroço, ultrapassando 3,5 toneladas por hectare em regime irrigado, se forem seguidas as recomendações de manejo e colheita da Embrapa Algodão. A diferença principal entre as duas é que a Rubi tem a fibra um pouco mais escura do que a Safira.

Ecologicamente correto, não poluente, de valor agregado para o produtor e forte apelo no mercado internacional, o algodão colorido desenvolvido pela Embrapa tem se consolidado como uma cultura sustentável e excelente alternativa econômica para a agricultura familiar.

Desenvolvido para as condições do semi-árido, é uma excelente alternativa de geração de renda para os pequenos agricultores do Nordeste. Além de adaptadas às fiações modernas, as cultivares de algodão colorido da Embrapa reduzem os custos de produção para a indústria têxtil e o lançamento de efluentes químicos e tóxicos, por dispensarem o uso de corantes.

Indicado também para pessoas alérgicas a tecidos artificialmente coloridos, o algodão colorido tem tido demanda crescente do mercado internacional – principalmente na Europa e no Japão, onde aumentam os adeptos de produtos naturais. □

... e Rubi têm demanda crescente do mercado internacional



As ameaças do clima

Como era esperado, terminou de forma pífia a conferência internacional sobre o clima realizada em Buenos Aires, no final do ano passado. Uma vez mais, os países signatários da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas preferiram ignorar os sinais claros de possíveis problemas graves no futuro a ter a coragem de adotar medidas penosas, mas indispensáveis, que pudessem efetivamente preveni-los ou atenuá-los substancialmente.

Em atenção ao Protocolo de Kyoto, finalmente vigente após a adesão da Rússia, acordou-se apenas numa pequena e insuficiente taxa de redução das emissões dos gases do efeito estufa, com base nos índices de 1990, totalmente insatisfatória para um controle eficaz de seus efeitos. Enquanto isto, foi anunciado recentemente que a concentração de dióxido de carbono na atmosfera continua aumentando, tendo passado em 2004 de 375 partes por milhão (ppm) para 380 ppm, índice cerca de 35% a mais do que na era pré-industrial.

As variações climáticas na atualidade superam largamente as dos séculos imediatamente anteriores. A década mais quente desde a Revolução Industrial foi a de 1990-1999, e os anos 2002 e 2003 registraram as mais altas temperaturas de que se tem notícia em tempos históricos. A intensidade do aquecimento global atinge atualmente 0,2° C por década, sendo que na Europa chega a 0,95° C. É óbvio que algo de muito grave está acontecendo.

Sabe-se há muito que o clima tem variado continuamente na história da Terra, justificando ter sido afirmado algures que “a única coisa constante no clima é sua inconstância”. Não obstante, fortes indicações existem de que essa inconstância ocorre normalmente dentro de uma determinada faixa de variabilidade com limites definidos que, embora desconhecidos, não devem ser ultrapassados. Se o forem, a faixa e seus limites mudam bruscamente de forma significativa; os estudos mostram que em passado distante isto já aconteceu devido a causas naturais, e que então, em algumas regiões, ocorreram saltos na temperatura média de mais de 10° C em

apenas uma década. O exame cuidadoso das camadas de gelo acumuladas durante milênios na Antártica e na Groenlândia evidencia essas alterações bruscas, com repercussões intensas sobre o clima do planeta. Não sabemos quando – ou se – elas voltarão a acontecer, mas nossa desastrada atuação sem dúvida poderá provocá-las. E, se ocorrerem, será inevitável profunda desestabilização econômica e social em todo o mundo.

Uma das possíveis consequências gravíssimas de uma mudança súbita desse tipo, já aventada pelos pesquisadores do clima, poderia ser, por exemplo, a interrupção da corrente marítima quente existente no Atlântico que torna relativamente amenos os climas do norte da Europa e da Ásia, resultando tal suspensão paradoxalmente em intensa, rápida e duradoura queda na temperatura dessas regiões. Esta hipótese é plausível, pois existem provas inequívocas de já ter ocorrido há apenas alguns milênios.

Todas essas considerações evidenciam a colossal imprudência que vem sendo cometida pela humanidade em procrastinar providências sérias e eficazes para controlar o aquecimento descontrolado da Terra, cada vez mais evidente.

Os cientistas têm procurado estabelecer modelos matemáticos dos possíveis resultados das mudanças climáticas em curso, mas a complexidade do problema e o conhecimento insatisfatório dos parâmetros envolvidos têm impedido previsões mais precisas. Contudo, levando-se em conta a possibilidade real de ocorrências catastróficas, o procedimento mais sensato seria aceitar medidas mais enérgicas para, pelo menos, atenuar sensivelmente a influência humana sobre o clima global. Infelizmente, têm faltado lideranças políticas que as viabilizem. É mais fácil, cômodo e rentável ignorar as ameaças. A pesada conta desse procedimento irresponsável será paga no futuro.

Ibsen de Gusmão Câmara
Vice-Presidente

Natureza em perigo

A ÚNICA TARTARUGA de água doce incluída na lista oficial de animais ameaçados editada pelo IBAMA é o cágado-de-hoge (*Phrynops hoguei*), cuja existência só foi conhecida pela Ciência em 1967, apesar de habitar zona intensamente povoada de nosso território.

Pertence a um gênero que inclui pelo menos 13 espécies, algumas delas com ampla distribuição geográfica na América do Sul, outras endêmicas de áreas muito restritas. Como todas as tartarugas do gênero *Phrynops*, o cágado-de-hoge tem carapaça oval e alongada, relativamente achatada. Nesse cágado, ela não exibe saliência ao longo do dorso e é de cor parda. O plastrão, bem desenvolvido, é amarelado, por vezes provido de manchas cinzentas ou pardas. A cabeça é estreita, achatada e pontuda, com a parte inferior amarela, podendo as fêmeas apresentar uma mancha vermelha de cada lado. Os olhos, escuros, situados na parte mais anterior da cabeça, mostram um fino anel amarelado em seu contorno.

Esse cágado raro habita áreas muito limitadas dos estados do Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santo, em altitudes inferiores a 500 m, principalmente na bacia do rio Paraíba do Sul, mas a verdadeira distribuição geográfica é muito pouco conhecida. É possível que também exista em restrita área de São Paulo. Uma pequena Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) foi criada principalmente para proteger a espécie, nas proximidades de Volta Redonda, na chamada Floresta de Cicuta; contudo, ignora-se a efetividade da medida. Muito pouco se sabe de seus hábitos e verdadeiro grau de ameaça. A IUCN propôs que se considerasse a espécie prioritária para estudo e proteção.

Projeto ARPA

O DESENVOLVIMENTO do Projeto ARPA, que visa ao estabelecimento de áreas protegidas na Amazônia, prossegue seu curso, apesar de múltiplas dificuldades administrativas e operacionais devidas às dimensões e ao caráter inovador do projeto. É sem dúvida o mais ambicioso projeto de conservação de florestas tropicais em todo o mundo, com recursos da ordem de US\$ 86,3 milhões em sua primeira fase (2003–2006), providos pelo Governo Brasileiro (US\$ 18,1 milhões), Fundo Mundial para o Meio Ambiente – GEF (US\$30 milhões), KfW, da Alemanha (US\$21,7 milhões) e WWF-Brasil (US\$16,5 milhões). A parte logística do projeto e sua gestão financeira ficaram a cargo do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – FUNBIO.

Inicialmente previsto para criar e apoiar unidades de conservação da categoria de proteção integral (principalmente parques nacionais ou estaduais, estações ecológicas e reservas biológicas), foi posteriormente estendido para unidades de uso sustentável, estas mais de caráter social do que propriamente conservacionista, fato que tem desagradado algumas ONGs mais preocupadas com a natureza, para as quais somente as primeiras constituem efetivamente áreas naturais protegidas duradouras e eficazes. Realmente, nos últimos tempos têm sido criadas mais unidades de caráter social do que de proteção integral, aparentemente seguindo orientação do governo neste sentido.

Uma das mais importantes unidades de proteção integral recentemente criadas foi o Parque Estadual Chandles, no Acre, com 695.000 hectares.

A importância do meio ambiente para o Governo

NO ORÇAMENTO FEDERAL para 2005, o Ministério do Meio

Ambiente se situou em antepenúltimo lugar dentre 18 ministérios, cabendo-lhe apenas 135,089 milhões de reais, e assim mesmo porque o Congresso praticamente dobrou o valor contido no projeto enviado pelo Executivo. O montante aprovado representa apenas 2,4% do valor atribuído ao ministério mais bem aquinhado – o dos Transportes – e somente 21,8% do correspondente ao dos Esportes. Tais números indicam o descaso governamental para com o meio ambiente brasileiro. E, enquanto isso ocorre, a Amazônia se incinera, por falta de recursos para melhor protegê-la.

Ainda os POPs

EM EDIÇÃO ANTERIOR demos uma notícia preliminar sobre a proibição estabelecida pela Convenção de Estocolmo sobre os Poluentes Orgânicos Persistentes (conhecidos pela sigla POPs), em vigor desde maio do ano passado, tornando obrigatórias medidas para proteção do meio ambiente no que se refere a tais substâncias, principalmente quanto à chamada Dúzia Suja. Dentre esses produtos químicos situam-se os PCBs, as dioxinas, os furanos e diversos defensivos agrícolas perigosos. Abriu-se uma exceção para o pesticida DDT, que apesar de altamente nocivo, continua insubstituível no combate aos mosquitos em áreas pobres assoladas pela malária até que se descubram soluções alternativas viáveis.

Um grave problema relativo à Dúzia Suja é a urgência de eliminação de numerosos estoques dessas substâncias, acumulados por vezes há décadas, que se encontram contidos em recipientes inadequados, amontoados em depósitos de lixo ou simplesmente enterrados, contaminando o ambiente de diferentes formas insidiosas; praticamente todos os seres humanos possuem traços de POPs em seus organismos. Denúncias de situações similares se repetem no Brasil.

Um comitê foi também instituído para que se identifiquem novos produtos a serem incluídos na proibição já vigente, tendo em vista que se estima serem adicionados a cada ano cerca de 1.500 novos produtos químicos às dezenas de milhares dos já existentes, cujos impactos ambientais ainda não são conhecidos satisfatoriamente. A história já mostrou que, com frequência, produtos inicialmente tidos como “milagrosos”, com o tempo mostram-se altamente poluentes e perigosos para a saúde humana e a vida animal.

A Amazônia Azul

NO FINAL DE 2004, o Brasil apresentou à ONU o Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira, conhecido como LEPLAC, com o propósito de estabelecer o limite externo da Plataforma Continental, conforme sua conceituação jurídica contida na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. De acordo com essa Convenção, o país costeiro tem direitos de soberania para a exploração e aproveitamento dos recursos naturais do leito e subsolo marinho de sua plataforma continental, além do limite de duzentas milhas marítimas correspondente à Zona Econômica Exclusiva (ZEE), onde adicionalmente cabe-lhe também o aproveitamento dos recursos da massa d'água sobrejacente. Para isto, é indispensável a demarcação precisa da plataforma continental, segundo os conceitos estabelecidos no citado ato internacional. Com a aprovação do Plano, caberá ao Brasil o direito de explorar economicamente, na forma prevista pela Convenção, uma área de 3.539.919 km² de ZEE e mais 911.847 km² de Plataforma Continental além dos limites da ZEE, perfazendo ao todo 4.451.766 km², uma área equivalente a mais de metade da superfície terrestre do País. Daí, a denominação de

"Amazônia Azul", que tem sido dada à área marítima sob sua jurisdição.

As colossais dimensões de tal área e os direitos de soberania sobre ela significa não apenas um enorme potencial econômico à disposição da sociedade brasileira, mas também uma pesada responsabilidade de conservá-la, controlá-la e fiscalizá-la, ações para as quais o País não está devidamente equipado. Caso não encontre meios de fazê-lo em tempo hábil, poderá ver, impotente, as riquezas marinhas a que tem direito sendo contínua e ilegalmente desviadas para o exterior.

Medidas para impedir a captura accidental de aves e tartarugas

AS ATIVIDADES PESQUEIRAS, especialmente a pesca com espinhel, têm capturado incidentalmente grandes quantidades de aves e tartarugas marinhas, pondo em risco espécies já ameaçadas de extinção. Com o propósito de reduzir as perdas, o Projeto Tamar está executando o Programa de Redução de Captura Incidental, mediante parceria com empresas de pesca, com o Projeto Albatroz e com o Centro de Estudos Pesqueiros da região Sul, do IBAMA. Nessas atividades, vêm sendo experimentadas metodologias desenvolvidas em cooperação com a Universidade do Havaí e a Agência Nacional do Oceano e da Atmosfera – NOAA, dos EUA, mediante o uso de anzóis circulares e redes especiais de captura, estas usadas para resgatar os animais fígados incidentalmente. Os anzóis circulares vêm-se mostrando eficientes para diminuir as capturas das tartarugas, sem prejuízos para o volume do pescado obtido.

Além das experiências com os novos anzóis, o Tamar está instalando transmissores de satélite nas tartarugas capturadas, que permitem avaliar as taxas de sobrevivência pós captura, a profundidade e a duração dos mergulhos, e a temperatura da água.

Na Região Nordeste, as preocupações se voltam para a interação das tartarugas com as redes *caçoeiras* utilizadas para a captura de lagostas.

Outras medidas de proteção em estudo são o estabelecimento de novas áreas protegidas em Sergipe e no Espírito Santo, abrangendo áreas na foz do São Francisco e na do Rio Doce, incluindo também a possível criação de dois parques nacionais marinhos neste último estado.

Fonte: Tamar Boletim VIII(27)

O "esporte" da pesca e a conservação

A PESCA DESPORTIVA, em comparação à devastação causada pelas capturas comerciais em muitas áreas do globo, não tem sido considerada até agora responsável pela redução dos estoques pesqueiros, mesmo em países nos quais os pescadores amadores são muito numerosos. Não obstante, pelo menos nos EUA, essa crença está sendo desacreditada.

Estudos realizados recentemente concluíram que o impacto da pesca desportiva naquele país têm tido um efeito muito maior do que antes se pensava e que, em alguns casos, apresenta um risco real e considerável para algumas espécies ameaçadas. O mesmo estudo desmascara uma outra convicção convencional, a de que a pesca desportiva prejudica menos os ecossistemas marinhos do que a pesca comercial; os pesquisadores verificaram que os pescadores amadores muitas vezes visam preferencialmente os peixes carnívoros que se situam no topo das cadeias alimentares, desorganizando desta forma todo o ecossistema. Mesmo quando é estabelecido sistema de cotas, limitando as capturas para cada espécie, a medida não funciona a contento, uma vez que as restrições se referem a cada pessoa, não levando em conta o número total de pescadores e, portanto, não permitindo avaliar o impacto total nas

populações de peixes.

No que pesem os resultados do estudo, os seus autores duvidam que eles consigam inverter as tendências nocivas atuais, em virtude das influências e do poder político que possuem naquele país a comunidade de pescadores amadores.

No Brasil, não há como avaliar o dano causado pela pesca desportiva, mas seria prudente que o estudo citado fosse levado em conta pelas autoridades reguladoras da pesca, principalmente quanto às regiões onde ela é praticada com maior intensidade.

Fonte: Science, 27-08-04

Socorro para os pandas

O PANDA (*Ailuropoda melanoleuca*), o fotogênico urso preto e branco da China que se tornou carismático e foi adotado com símbolo da poderosa organização internacional World Wide Fund for Nature – WWF, é um das espécies de mamíferos mais ameaçadas. Poucas centenas de exemplares existem na natureza, repartidos em populações isoladas entre si, e sua reprodução em cativeiro é extremamente difícil.

Procurando evitar o desaparecimento dessa espécie tão conhecida no mundo, a China anunciou que está reservando uma área de 1.200 km² para sua proteção, de forma a permitir que as pequenas populações isoladas possam se encontrar e permitir o fluxo gênico. O projeto terá um custo de 22 milhões de dólares.

Este fato mostra a importância que um país superpopuloso e carente de terras férteis para a produção de alimentos dá ao seu patrimônio faunístico.

Fonte: Nature, 02-09-04

IV Congresso Brasileiro de Unidade de Conservação

REALIZOU-SE EM CURITIBA, de 17 a 21 de outubro de 2004, o IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, promovido pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e a Rede Nacional Pró-Unidades de Conservação, da qual a SOBRAPA é um dos membros fundadores. O encontro teve 1.717 participantes inscritos, provenientes de todas as regiões do País, e publicou em seus Anais 77 trabalhos, selecionados dentre os 430 que foram apresentados. O grande número de participantes evidencia a crescente conscientização da sociedade brasileira quanto à importância das unidades de conservação, sem dúvida a mais eficiente contribuição para que se preserve a riqueza biológica da Nação. Um dos conferencistas estrangeiros convidados, Dr. Alfred Runte, em sua exposição, transmitiu a seguinte mensagem aos presentes: "Aproveitem este Congresso para que vocês pintem quadros de esperança para o mundo".

No final do encontro, foi aprovada pela sessão plenária a *Carta de Curitiba*, abaixo transcrita na íntegra:

"Os participantes do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, reunidos em Curitiba, Paraná, em outubro de 2004, entendem que:

- considerando que as unidades de conservação necessitam implantação efetiva e de políticas de manejo tecnicamente consistentes, sustentadas e de longo prazo;
- considerando as crescentes pressões sobre os remanescentes dos ecossistemas naturais do País, em especial a expansão do

desmatamento na Amazônia, a ocupação predatória, desordenada e acelerada do Cerrado e o desaparecimento das últimas áreas significativas da Floresta de Araucária;

- relembrando que a ratificação da Convenção sobre a Diversidade Biológica pelo País implica o compromisso premente de estabelecer um sistema eficaz de unidades de conservação compatível com seu alto grau de biodiversidade;

- reconhecendo que a diversidade biológica é um patrimônio nacional de imensurável valor científico, estético e econômico;

- considerando que o Brasil tem jurisdição, inclusive para fins de conservação, de uma área marítima proximamente correspondente à metade de seu território,

Acordam os participantes do Congresso em:

- reafirmar a função das unidades de conservação como essenciais à existência do meio ambiente ecologicamente equilibrado, enfatizando a necessidade de compatibilizar a política de definição de terras indígenas com o respeito aos limites das unidades de conservação de proteção integral, bem de uso comum de toda a Nação Brasileira e essencial à sadia qualidade de vida;

- reafirmar que as categorias de unidades de conservação de proteção integral são a base de um sistema de proteção da diversidade biológica do País;

- reafirmar o entendimento de que as Unidades de Conservação de Proteção Integral são os espaços territoriais protegidos citados no Artigo 225, Inciso III, da Constituição Federal, cujo objetivo básico é a preservação da natureza;

- exigir a aceleração do processo de identificação e criação de novas unidades de conservação federais, estaduais e municipais, em todos os biomas do País, com ênfase naqueles menos representados no sistema;

- exigir o estabelecimento de novas unidades de conservação nas áreas marinhas e ilhas costeiras;

- exigir ações imediatas de fortalecimento político, técnico e orçamentário do Ibama, como executor federal, e dos órgãos executores estaduais e municipais do Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

- ressaltar a fundamental importância do Ministério Público na defesa das unidades de conservação, contra pressões de toda a ordem a que estão permanentemente submetidas;

- repudiar indicações políticas para a atuação em unidades de conservação em detrimento de qualificação técnica específica;

- exigir ações imediatas e efetivas de regularização fundiária das unidades de conservação criadas;

- denunciar como lesivas ao interesse nacional e à conservação da biodiversidade as pressões políticas do Ministério das Minas e Energia, do Ministério da Agricultura e do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável para a flexibilização da legislação ambiental, em particular do sistema de licenciamento e compensação."

Declínio dos anfíbios

EM VÁRIAS OPORTUNIDADES este informativo mencionou o intrigante fato de os anfíbios – sapos, pererecas, salamandras e cobras-cegas – estarem desaparecendo em todo o mundo, sem que se possa explicar o fenômeno de forma abrangente. Recentemente foi divulgado o primeira avaliação global da situação, trabalho que se encontra publicado no site www.sciencemag.org/cgi/content/abstract/1103538.

O estranho fenômeno foi descoberto no final da década 1980-90, quando se constatou que diversas espécies comuns de anfíbios começavam a rarear, mesmo em áreas sob proteção. Várias possíveis causas foram então apontadas: perda da hábitat, herbicidas, radiação ultra-violeta mais intensa devido a alterações na camada de ozônio, ataque de fungos, espécies invasoras e mudanças climáticas; mas nenhuma dessas explicações para uma ocorrência de âmbito mundial parece totalmente convincente.

Embora as evidências estejam se acumulando, não existe ainda uma avaliação global das 5.743 espécies de anfíbios já conhecidas e catalogadas. Em 2001 foi iniciado o projeto Avaliação Global dos Anfíbios, no valor de 1,5 milhões de dólares, visando a esclarecer a questão. O mundo foi dividido em 34 regiões, e para cada uma delas foi designado um herpetologista encarregado de relacionar as espécies nela existentes e buscar informações sobre abundância, distribuição e ameaças; mais de 500 herpetologistas examinaram posteriormente os dados obtidos, um esforço de esclarecimento sem precedentes, e os resultados não foram animadores. Cerca de um terço das espécies examinadas estavam ameaçadas e 7,4% de todos os anfíbios se encontravam sob o mais alto grau de ameaça; além disto, ao que tudo indica, estes números ainda estão subestimados, uma vez que pouco se sabe de 1.294 outras espécies que não puderam ser avaliadas. Procurou-se também identificar as tendências e verificou-se que algo como 43% das espécies estão em processo de redução, 27% estão estáveis e apenas menos de 1% se encontram em crescimento. Verificou-se também que na Europa e América do Norte, a causa principal é a perda de hábitat e na Ásia, a caça, mas nada se apurou quanto à Austrália e às Américas do Sul e Central. A conclusão mais grave é de que quase não há evidência de recuperação e não são conhecidas técnicas para impedir o misterioso declínio na natureza.

Fonte: Science, 15-10-04



SOBRAPA

Sociedade Brasileira de Proteção Ambiental

CONSELHO DIRETOR

PRESIDENTE

Octavio Mello Alvarenga

VICE-PRESIDENTE

Ibsen de Gusmão Câmara

DIRETORES

Octavio Mello Alvarenga

Ibsen de Gusmão Câmara

Maria Colares Felipe da Conceição

Olympio Faissol Pinto

Cecília Beatriz Veiga Soares

Malena Barreto

Flávio Miragaia Perri

Elton Leme Filho

Jacques do Prado Brandão

Rogério Marinho

CONSELHO FISCAL

Elvo Santoro

Luiz Carlos dos Santos

Ricardo Cravo Albin

SUPLENTE

Jonathas do Rego Monteiro

Luiz Felipe Carvalho

Pedro Augusto Graña Drummond



PRODUTOS

Sistema agroecológico: produção sem agressão ao meio ambiente

ORGÂNICOS:

*produção sustentável com
segurança alimentar*

Os produtos orgânicos dia a dia vêm ganhando espaço no mercado nacional, em razão de sua qualidade e segurança alimentar

ROBERTO PEDROSO
DE OLIVEIRA

WALKYRIA BUENO SCIVITTARO
EMBRAPA CLIMA TEMPERADO

SILVANA PEDROSO
DE OLIVEIRA

EMBRAPA AGROINDÚSTRIA DE ALIMENTOS

NÃO É NECESSÁRIO sair de casa para perceber que o planeta está passando por um processo acelerado de transformação. A vida tem se tornado cada vez mais confortável, porém menos saudável. O ar está cada vez mais poluído, a água doce mais escassa e os alimentos com resíduos de agrotóxicos. Além disso, uma enormidade de lixo industrial e residencial vem sendo produzida diariamente, depositada em aterros sanitários ou, simplesmente, despejada no ambiente. Mudanças previstas no clima do planeta já estão ocorrendo. Em resposta, vemos as crescentes ações de muitas organizações não governamentais, governos e cidadãos conscientes para preservar o pouco da natureza que ainda resta e sustenta a vida.

A agricultura também presencia mudanças, em alguns casos de magnitude estrondosa. A necessidade de produzir cada vez mais alimentos, principalmente agora que a China abriu seu mercado, vem promovendo a ampliação da área cultivada e a utilização máxima dos recursos naturais em prol de maiores índices de produtividade. Cada vez mais insumos são necessários para manter as lavouras produzindo e mais energia tem sido utilizada para manter os sistemas de produção.

No caso dos citros, por exemplo, são quase um milhão de hectares cultivados no Brasil, concentrados em algumas regiões do Estado de São Paulo, praticamente na forma de monocultura. Como esperado, nas últimas décadas, novas doenças surgiram e algumas que eram secundárias tornaram-se primárias, nesta e em outras culturas. Conseqüentemente, a população de pragas de plantas tem aumentado expressivamente, exigindo o uso de cada vez mais agrotóxicos para seu controle. Da mesma forma, para sustentar produtividades elevadas e atender à crescente demanda do mercado consumidor, tem-se utilizado sistematicamente fertilizantes solúveis, muitas vezes de forma ineficiente e sem o monitoramento de sua dinâmica no sistema, o que pode gerar problemas de poluição ambiental.

Sistema orgânico de produção

Frente ao sistema de produção convencional vigente, têm surgido alternativas, como o sistema orgânico de produção, que abrange o ecológico, o biodinâmico, o natural, o biológico, o agroecológico e outros. O sistema orgânico fundamenta-se na sustentabilidade ecológica, na maximização dos benefícios sociais, na minimização do uso de energia não-renovável, no emprego de métodos culturais biológicos e mecânicos, em substituição ao uso de materiais sintéticos, organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, e na proteção do meio ambiente. Desta forma, busca-se ofertar produtos saudáveis, sem contaminantes, reciclando-se resíduos de origem orgânica e preservando a diversidade biológica

dos ecossistemas naturais, sempre com respeito às legislações ambientais e trabalhistas.

O sistema orgânico contempla o preparo do solo por meio de movimentação mínima e com o uso de práticas conservacionistas, o uso de fertilizantes orgânicos nas formas líquida (biofertilizantes) e sólida (compostos orgânicos), o uso de adubos minerais pouco solúveis, rotação de cultura e adubação verde, o monitoramento de populações de pragas por meio de armadilhas e da sintomatologia das plantas, o manejo das pragas por controle biológico, cultural e pelo uso de caldas, como a bordaleza e a sulfocálcica.

A garantia da natureza orgânica do produto, seja ele *in natura* ou processado, é feita por organizações não governamentais certificadoras, nacionais e internacionais, registradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que conferem um selo de qualidade aos produtos aprovados.

Mercado dos produtos orgânicos

O mercado de produtos orgânicos vem aumentando significativamente nos últimos anos, com estimativa de negócios ao redor de 30 bilhões de dólares para 2005. Isto é resultado da exigência crescente dos consumidores por produtos que ofereçam segurança alimentar e que sejam produzidos com mínima agressão ao meio ambiente.

A mesma tendência vem sendo observada no Brasil, onde segundo as instituições certificadoras, já estão sendo cultivados 170 mil hectares com produtos orgânicos,

totalizando cerca de 7.100 propriedades. Estas localizam-se, em sua maioria, nos estados do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo. A comercialização também vem sendo feita de forma diferenciada, em lojas e feiras especializadas e em supermercados, que têm reservado gôndolas exclusivas para produtos dessa natureza. Trata-se de um mercado que tem crescido por volta de 25% ao ano e que já movimentou alguns milhões de dólares.

As exportações brasileiras de produtos orgânicos, como café, cacau, soja, açúcar, erva-mate, suco de laranja, óleo de dendê, frutas secas, castanha de caju e guaraná, encontram-se em expansão. Atualmente, estas vêm sendo realizadas principalmente para a União Européia, Estados Unidos e Japão. Em 1999, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE-USP) estimou o valor anual da produção orgânica brasileira em 150 milhões de dólares.

A Instrução Normativa nº 7, de 17 de maio de 1999, marcou o início da regulamentação dos sistemas orgânicos de produção agropecuária no Brasil, cuja elaboração contou com a participação de vários setores da Sociedade Civil, envolvidos com a questão agroecológica. Em 23 de dezembro de 2003, foi sancionada, pelo presidente da República, a Lei nº 10.831, que dispõe sobre a Agricultura Orgânica. A regulamentação desta lei pelo Poder Executivo, ainda está em fase de elaboração, devendo estabelecer



Biocomposto sólido (composto orgânico)

os procedimentos relativos à fiscalização da produção, circulação, armazenamento, comercialização e certificação dos produtos orgânicos.

Um modelo de sucesso

No Rio Grande do Sul, a Ecocitrus (Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí) é um dos exemplos de sucesso na produção orgânica, podendo servir como modelo aos interessados em ingressar na atividade ou mudar de sistema.

Com sede no município de Montenegro-RS, a 80 km de Porto Alegre, e formada exclusivamente por pequenos produtores rurais, a Ecocitrus produz milhares de toneladas de frutas e de suco de fruta ecológicos, os quais são comercializados nas principais redes de supermercados do País, como produto diferenciado.

Os principais aspectos do sistema de produção adotado

pela Ecocitrus são:

a) Transformação de resíduos de agroindústrias, provenientes da produção de frangos, suínos, cerveja, óleo de soja, madeira, polpa e suco de frutas, esterco e cinzas, em biocompostos, nas formas líquida e sólida, para aplicação nos pomares. O processo natural de produção do biocomposto, conduzido em usina de compostagem, converte resíduos potencialmente poluentes em compostos estáveis, ricos em nutrientes para as plantas. O custo do processo é relativamente baixo, constituído, principalmente, pelo frete de chegada das matérias-primas e saída dos biocompostos. Todos os resíduos das agroindústrias são analisados, seguindo as orientações da FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental) quanto ao teor de metais pesados, para evitar contaminações. A existência de hormônios nos biocompostos, provenientes de matérias-primas de



Biocomposto líquido (biofertilizante)

abatedouros, é improvável, em função da temperatura elevada verificada no processo de compostagem e da degradação proporcionada pelos microorganismos envolvidos. Atualmente, são compostadas, anualmente, 60 mil toneladas de resíduos orgânicos na Ecocitrus, que são aplicados em aproximadamente 500 ha de pomares.

b) Aplicação de biocompostos nos pomares em substituição aos fertilizantes minerais, proporcionando aumento do teor de matéria orgânica do solo, disponibilização gradual de nutrientes às plantas, aumento da diversidade microbiana e da capacidade de retenção e de infiltração de água do solo.

c) Manejo de invasoras visando o estabelecimento de uma flora diversificada entre as plantas de citros, utilizando-as como protetoras do solo, fonte de matéria orgânica e abrigo para inimigos

naturais de pragas dos citros. Com este manejo, insetos-pragas e agentes causadores de doenças são mantidos em níveis reduzidos, abaixo do nível de dano econômico. Nesse sentido, estuda-se a adoção de um sistema agroflorestal, consorciando-se os citros com outras espécies arbóreas de folhas caducas. O sistema fundamenta-se na hipótese de que os citros são provenientes de ambiente sombreado, de que no verão há excesso de luminosidade e de que o pomar pode ter outras fontes de renda simultâneas.

Interessada em aprimorar o sistema de produção, a Ecocitrus vem participando de pesquisas com a Embrapa Clima Temperado, Emater-RS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Atualmente, a Ecocitrus está buscando um modelo de certificação participativa, por meio de uma rede chamada Ecovida. Com base na

ética, confiança e reconhecimento, busca-se reduzir o custo do processo de certificação, viabilizando ainda mais o desenvolvimento do sistema de produção orgânico.

Desta forma, os cooperados da Ecocitrus têm produzido frutas saborosas e saudáveis, de forma economicamente viável e com preservação dos recursos naturais.

Requisitos para expansão do sistema orgânico

O sistema orgânico é aplicável tanto para grandes como para pequenas propriedades, independentemente das condições de solo e de clima locais. Regionalmente, devem ser estudados os melhores componentes para a formulação de biocompostos e as melhores espécies para o cultivo, seja com a finalidade de produção comercial, fornecimento de nutrientes às plantas ou abrigo de inimigos naturais de pragas. Nesse sentido, a organização dos produtores é um requisito importante para minimizar os custos de produção dos biocompostos e os da comercialização dos produtos. Destacadamente, trata-se de um sistema de produção importante na viabilização econômica da pequena propriedade familiar e também da empresarial, já que os preços dos produtos são diferenciados e pode-se produzir de maneira sustentável. □

Brasil prepara legislação de orgânicos mais democrática do mundo

OS PRINCIPAIS países produtores de orgânicos do mundo já possuem normas nacionais de certificação de seus produtos. O Brasil não. Isto porque "o Brasil talvez seja o único país em que a legislação esteja sendo escrita pelo próprio movimento orgânico nacional", justificou José Coelho Santiago, presidente da Câmara Setorial de Orgânicos, durante o painel brasileiro no congresso da BioFach, realizada em fevereiro passado na Alemanha.

Diretor da certificadora OIA

Brasil, Santiago defendeu a opção brasileira. "Escolhemos um processo que consome enorme esforço e tempo, mas acreditamos que no fim teremos uma legislação mais apropriada do que uma imposta pelo governo", disse.

Rogério Dias, coordenador de orgânicos do Ministério da Agricultura, Eduardo Caldas, da Agência de Promoção das Exportações (Apex), e Valter Bianchini, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, apresentaram as iniciativas do governo federal para desenvolver a produção orgânica no país.

Os exemplos são muitos: aprovação da Lei dos Orgânicos em 2003, a criação da Câmara Setorial em 2004 e das comissões nacional e estaduais de produção orgânica, linhas de crédito especiais do Banco do Brasil, incentivo à pesquisa na área, programas de apoio a pequenos produtores para aderirem ao cultivo de orgânicos e lugar de destaque na ordem de prioridade na

pauta de exportações.

"Sou funcionário do ministério há 22 anos e, pela primeira vez, há um setor para cuidar de orgânicos", declarou Dias. O empenho dá resultados. De acordo com as estimativas, o volume de negócios no setor orgânico cresce 50% ao ano no Brasil.

Rogério Dias ressaltou que o Brasil está tendo o cuidado preparar uma legislação adequada a sua realidade. Pequenos agricultores que vendem diretamente ao consumidor seus produtos estão dispensados, por exemplo, da certificação, a fim de não encarecer nem criar obstáculos a sua atividade.

Problemática é, porém, a situação dos produtos para exportação. A Apex procura orientar os produtores para a observância dos padrões exigidos nos principais mercados consumidores do exterior. Entretanto, os brasileiros divergem de algumas normas e, em alguns segmentos, adotam métodos proibidos no hemisfério norte.

"No norte do Brasil, temos de usar biofertilizantes para combater fungos.

São fertilizantes orgânicos. Mesmo

assim os europeus não admitem seu uso.

Até porque não

enfrentam

problemas de

umidade",

explicou Santiago.

Por outro lado, na

Europa as normas

permitem a apli-

cação de dois antibióticos

no gado nelore, uma medida

dispensável no Brasil. "Os

processos têm de ser diferentes

devido às condições regionais",

pregou o presidente da Câmara

Setorial, composta por 30

representantes de todo os

segmentos envolvidos

com os orgânicos. □



Laranja umbigo bahia, fruto ecológico

Frutas frescas, soja, açúcar e café orgânicos puxam negócios brasileiros na BioFach



Produtos da Organic Life e Ecobras, 2 empresas incubadas pela SNA representam o Brasil na BioFach, na Alemanha

MAIS DE 70 REUNIÕES de negócios foram agendadas entre fornecedores brasileiros e interessados estrangeiros na BioFach 2005, a maior feira de produtos orgânicos do mundo realizada de 24 a 27 de fevereiro em Nurembergue, na Alemanha. O evento teve este ano o Brasil como país-tema.

No primeiro dia de atividades da Feira, as frutas frescas estiveram no centro das conversas organizadas pela Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria (AHK Brasil). Vários fornecedores brasileiros reuniram-se com potenciais compradores. As associações de produtores Aecit/Expo, de Itaporanga (SC), e APPC, de Morro do Chapéu (BA), assim como a empresa Bonaflux, de Fortaleza, foram procuradas pelas importadoras Denree, da

Alemanha, e Bee-Organic, da Grã-Bretanha. Com perspectivas de bons contratos.

Já a Cooperativa Agropecuária do Alto Uruguai (Cotrimaio), de Três de Maio, cidade no noroeste gaúcho, consumidora de 8 mil toneladas de soja por ano, conseguiu o interesse de uma fabricante de queijos tofu da Califórnia no sentido de ter a Cotrimaio como fornecedora. Entretanto, segundo o gerente de produção da cooperativa, João Carlos Loro, será preciso antes verificar se sua soja atende à necessidade ou se será necessário plantar outra variedade.

O presidente da Apex, Juan Quirós ressaltou que incentivar os orgânicos é prioridade para o governo federal. Por vários motivos. São produtos com valor agregado, contribuem para a preservação ambiental e têm forte impacto social. Em 2003, por exemplo, o programa de apoio aos produtores de orgânicos beneficiou duas mil famílias no campo. Este número saltou para sete mil em 2004 e deverá atingir nove mil este ano.

No Brasil, 79% dos fornecedores de orgânicos são pequenos produtores. O programa de orgânicos cria uma perspectiva de valorização de sua atividade, em contraponto ao crescimento do agronegócio.

Orgânicos brasileiros frutificam na BioFach

Flávio Pinto era um dos brasileiros mais empolgados

na BioFach. O presidente da cearense Bonaflux ficou tão animado que não perde mais nenhuma BioFach.

Sua empresa foi criada em 1992, desde o primeiro momento voltada para a produção orgânica. "Quando eu e meus irmãos decidimos retornar às origens da família e nos tornar produtores rurais, fiquei horrorizado com a produção de melões. Em 60 dias, as frutas recebem 30 pulverizações. São alimentos altamente contaminados com agrotóxicos. O índice de mortes entre os trabalhadores rurais é assustador", conta Flávio, que então optou por entrar de cara na produção orgânica.

A Bonaflux produz hoje melões, mamões e figos. Nos últimos dois anos, tudo foi exportado por meio de uma empresa na Holanda. Em 2004, o volume chegou a 160 toneladas. Este ano, novas perspectivas se abrem. Seus produtos chegarão aos consumidores brasileiros pela rede de supermercados Pão de Açúcar. E na BioFach, em Nurembergue, multiplicam-se os interessados em importar para Alemanha, Holanda e Inglaterra as frutas made in Ceará.

Outro sorridente estreante na BioFach foi Adriano Figueiredo, diretor



Suco ecológico da Ecocitrus, também presente na BioFach 2005

da trade *Organic Life*, de Niterói (RJ) e uma das empresas incubadas pela Sociedade Nacional de Agricultura-SNA. Somente no primeiro dia da feira, teve 18 reuniões. A expectativa é de, pelo menos, cinco novos negócios envolvendo a exportação de frutas frescas, arroz e mel orgânicos. Ficou acertado um carregamento de 12 toneladas de mel a granel para teste de mercado nos Estados Unidos. O potencial comprador deseja revender a metade e usar a outra na produção de barras de cereais.

Mas nem todos os contatos da BioFach foram para exportação. Nurembergue também serviu de ponto de encontro de conterrâneos. Tanto a *Organic Life* quanto a *Ecocitrus*, de Montenegro (RS), foram abordadas por lojistas brasileiros. Produtora de 5,5 milhões de tangerinas e laranjas orgânicas por ano, a *Ecocitrus* acertou o fornecimento de sucos para uma rede de lojas de alimentos naturais com sede no Rio de Janeiro. De quebra, seus produtos serão exportados pela primeira vez, pois a rede de lojas possui filiais em Portugal e na Inglaterra.

Bonafrux, *Organic Life* e *Ecocitrus* integraram a delegação de 87 expositores brasileiros na BioFach 2005. O Brasil é o país-tema da feira este ano, tendo duplicado sua participação, organizada pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex), a Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria (AHK Brasil) e os ministérios da Agricultura (Mapa), Desenvolvimento Agrário (MDA) e Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). □

Nem só de alimentos vivem os orgânicos

FALOU EM ORGÂNICO, pensou em alimento. Esta costuma ser a lógica. Mas o setor orgânico vai além, como mostrou o pavilhão brasileiro na BioFach, realizada em Nurembergue, na Alemanha. Entre os cerca de 100 expositores levados à Alemanha pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex) e pela Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria (AHK Brasil), houve estandes com roupas e bonecas de algodão orgânico, produtos cosméticos e de limpeza, assim como de um centro de pesquisa biotecnológica.

As roupas no estande da Alimenta Vitae chamaram a atenção de quem passava pelo estande brasileiro. Estavam expostas camisetas, blusas, calças, meias, colchas, capas para almofadas e bonecas. Produzidas em Campina Grande (PB), têm como matéria-prima algodão orgânico. O trabalho envolve 600 famílias. Os homens atuam na agricultura e as mulheres, na tecelagem.

"As roupas atraem os curiosos e, a partir da conversa, o interesse cresce quando eles ficam sabendo do caráter social do empreendimento", afirma o broker João Carlos de Godoy Moreira, da Alimenta Vitae.

Já a empresa Cassiopéia apresentou na BioFach sua linha orgânica de produtos cosméticos, de limpeza e saúde, quase todos à base de aloe vera. Por exemplo, o Bio Wash, um limpador multi-uso 100% natural para carro, louça, roupas e casa. A linha inclui ainda shampoo e loções capilares, suco de aloe vera e

um complemento alimentar.

O Centro Biotecnológico da Amazônia (CBA), por sua vez, participou da feira em busca de contatos com outras instituições de pesquisa e futuros clientes. Em fase inicial de operação, o CBA tem por meta "transformar em negócio aquilo que a pesquisa já comprovou ter potencial econômico", segundo Emmanuel Aguiar, coordenador geral de planejamento da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), a quem o centro está subordinado.

As primeiras pesquisas vão se concentrar no desenvolvimento de bioinseticidas para a agricultura orgânica. De acordo com José Augusto da Silva Cabral, coordenador do laboratório de fitoquímica do CBA, existem cinco espécies vegetais autorizadas pela FAO (Organização Mundial para Agricultura e Alimentação) para serem usadas em bioinseticidas para agricultura orgânica. Destas, três são nativas da Amazônia e já são base de produtos fabricados na Inglaterra e nos Estados Unidos.

"O Brasil não pode ficar parado. Temos condições de também desenvolver tecnologia para viabilizar estas matérias-primas em inseticidas naturais", diz Cabral, que prevê dois a três anos para se chegar a formas de uso destes bioinseticidas. Entre as opções, estão spray, pó e loção. Segundo ele, já existem indústrias nacionais e multinacionais interessadas em se instalar na Amazônia para viabilizar a produção com tecnologia nacional. □



Estudo sobre o mercado pet

SEMPRE FOCADA nos negócios e no mesmo local de suas edições anteriores – Expo Center Norte (São Paulo/SP) – a 5ª Xclusive Pet Fair (25, 26 e 27 de abril de 2005) terá o apoio integral do SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, que apresentará com exclusividade na feira uma palestra especial e uma grade de cursos voltados para as pequenas e médias empresas do segmento – as pet shops e clínicas veterinárias – visando apoiá-las na gestão e na profissionalização de suas atividades.



A 5ª Pet Fair será realizada em São Paulo, em abril

Para tanto, o consultor de Administração Geral, Sérgio Diniz, da área de Orientação Empresarial do SEBRAE/SP, concluiu em Novembro/04 um detalhado estudo sobre estas empresas, que já somam 8 mil lojas e são responsáveis por mais de 30 mil empregos em todo o Brasil. O objetivo foi poder oferecer um panorama geral da atividade e, no final, mostrar fatores primordiais para uma gestão eficiente. Tudo isso como uma maneira de auxiliar o empresário na busca da sua realização profissional e pessoal, como também, pelo êxito do seu negócio.

Na análise do consultor do SEBRAE/SP, este estudo permitiu interagir com as empresas e os empresários no seu campo de

Sobre a Pet Fair

A 5ª edição da Pet Fair já tem a confirmação de mais de 100 empresas nacionais e internacionais que, além das expectativas de fecharem bons negócios, irão lançar novos produtos e serviços na ocasião. A Pet Fair foi criada em 1996, tornando-se a primeira do gênero na América Latina. Depois de quatro edições realizadas com sucesso pelo Grupo Gessulli, centenas de pequenas e médias empresas se fixaram no mercado e passaram a ser conhecidas,

atuando, permitindo conhecer características do negócio, seus detalhes, suas minúcias e outras peculiaridades que podem representar o sucesso ou não do empreendimento. Em síntese, possibilitou um aprendizado sobre “como conseguir um bom desempenho na administração e na condução de um pet shop ou clínica veterinária”. □

Desempenho do Setor de Pet Food em 2004

O setor de Pet Food mais uma vez desfrutou de saldo positivo no ano de 2004. Segundo estimativas da ANFAI-

Cães desfilam a moda Outono/Inverno

Um dos grandes momentos da 5ª Pet Fair - Feira Internacional de Negócios da Linha Pet, Horse & Garden - será o "Pet Fashion", um desfile de modas para animais que vai acontecer durante todos os dias da feira. A novidade é que o espaço estará à disposição de todos os expositores que quiserem mostrar suas novas linhas Outono/Inverno, que vão desde roupas a acessórios, como coleiras, jóias, laços, gravatas, entre outros.

A coordenação do evento ficará por conta da Alternativas's Dog Show - www.alternativas.com.br - empresa de treinamento de animais localizada em Santo André/SP.

Entre as modalidades de treinamento, a Alternativas's Dog Show oferece aos cães vários esportes, como Frisbie, Fly Ball e

Agility. O Agility foi trazido para o Brasil em 1991 pela própria empresa, que criou a primeira equipe brasileira de Agility Dog que atualmente viaja por todo o país com shows demonstrativos. "Estes esportes criam vínculos de obediência, harmonia e companheirismo entre o cão e seu condutor, além de proporcionar agilidade, velocidade e resistência para o cão, contribuindo para a saúde do animal", explica Elias Teixeira de Oliveira, proprietário da empresa.

Os interessados em mostrar sua coleção outono/inverno no

Pet Fashion devem entrar em contato com a assessoria da 5ª Xclusive Pet Fair, pelo e-mail petfair@xclusive.com.br ou pelo telefone (15) 3262-4142.



Cães exibem modelos na passarela

PET (Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação), a indústria do Pet Food faturou 20,41% e produziu 10,48% mais que o ano de 2003.

Isso significa que em 2004 foram produzidas 1,430 milhão toneladas de alimentos para cães e gatos, totalizando um faturamento de US\$ 1,444 bilhão. A Região Sudeste é a maior responsável por este resultado, respondendo por 74,2% do mercado, seguido pelo Nordeste (7,14%), Sul (11,77%), Norte (1,43%) e Centro-Oeste (5,46%).

De acordo com a ANFAL-PET os números podem parecer significativos, se comparados com outros setores do mercado Pet, como medicamentos veterinários/higiene, serviços e acessórios, do qual o segmento alimentação detém 48%. Entretanto, só reflete o esforço da indústria em manter o mercado.

Isso porque, o potencial do mercado brasileiro está muito além dos resultados conquistados. Para se ter idéia, o mercado Pet brasileiro é composto por 27,9 milhões de cães e 12 milhões de gatos, um consumo potencial de 3,45 milhões de toneladas por ano e faturamento de US\$ 2,932 bilhões.

Esses números levam o Brasil à coloração de o segundo maior mercado

do mundo. Entretanto, os alimentos industrializados são oferecidos a apenas 40% dos animais de companhia, sendo os outros 60% alimentados com sobras de mesa. "São 2,05 milhões de toneladas de arroz, carnes, leite e outros alimentos utilizados para alimentar nossos animais de companhia, conseqüentemente desviados da alimentação humana", disse Antônio Teixeira de Miranda Neto, presidente da ANFAL-PET.

O problema, segundo a entidade, é a alta carga tributária, que encarece e dificulta o acesso da população ao produto. No total, os alimentos para os animais de companhia são taxados com 49,9% de impostos, enquanto que os insumos agropecuários com 15,25% e a cesta básica, 7%. Essa diferença existe porque os alimentos para cães e gatos são taxados como supérfluos, apesar desta nutrição substituir os alimentos de consumo humano.

A reivindicação do setor é enquadrar os alimentos para os animais de companhia com alíquota idêntica àquela determinada à cesta básica, assim como é feito nos Estados Unidos e na Europa. Nos Estados Unidos, por exemplo, os alimentos humanos e Pet Food têm alíquotas idênticas e não superiores a 7,5%. Na Europa, a maior taxa é a da Alemanha, que não ultrapassa 18%.

Curiosidade: veterinários recomendam ovos para animais domésticos

O último boletim da Comissão Internacional do Ovo (The International Egg Commission), que tem sua sede na Inglaterra, divulgado pela APA - Associação Paulista de Avicultura, traz uma nova informação para donos de animais domésticos: ovos também fazem bem à saúde dos bichinhos. Testes feitos pela empresa Eggs Incorporated New Zealand, da Nova Zelândia, revelaram que a inclusão de um ovo por dia na dieta de animais de estimação traz benefícios à saúde. Segundo os veterinários que conduziram o estudo - doutores Ian Billingham e Alex Melrose, reconhecidos internacionalmente, além de serem acessíveis e nutritivos, ovos ajudam na saúde geral dos animais. "Se os ovos são naturalmente bons para os humanos, por que não seriam para os animais?", questionaram os responsáveis pelos estudos.

CITRICULTURA BRASILEIRA

muda perfil

HENRIQUE SANTOS

**Com investimentos
em tecnologia,
citricultura se
torna mais
produtiva e
competitiva no
mercado**

A CITRICULTURA brasileira está em uma nova fase e muda seu perfil para se tornar mais eficiente. O avanço de doenças como a CVC, morte súbita dos citros e, mais recentemente, o *greening* tem sido um desafio para o setor e contribuiu para o crescimento dos investimentos em tecnologia e pesquisa. Este cenário transformou a citricultura em um exemplo de eficiência dentro do agronegócio brasileiro.

Entre os exemplos da mudança, está a irrigação, uma medida adotada principalmente por causa da morte súbita e que colabora com a produtividade, já que diminui os riscos de perda de frutos e dá uniformidade à florada, facilitando e tornando mais eficiente o controle de pragas e doenças. A cultura é a que mais tem investido na irrigação localizada nos últimos cinco anos: de 1,5% em 1999

O Brasil é o maior produtor mundial de laranja

passou a ocupar 10,2% da área total plantada.

O presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos (Abecitrus), Ademerval Garcia, afirma que a citricultura está encontrando novas formas de planejamento e trabalho para se adaptar às exigências do mercado e continuar competitiva. "É nesta fase de transição que os produtores precisam se unir e buscar apoio de entidades como o Instituto de Economia Agrícola, a Embrapa e também as universidades para saber como tornar o seu negócio produtivo", diz Garcia. Na sua opinião, a citricultura é um exemplo dentro do agronegócio brasileiro de que o papel da iniciativa privada vem mudando. Os empresários não esperam apenas auxílio do governo para fazer a transferência tecnológica ou a defesa fitossanitária. Eles estão se organizando e buscando investimentos para se tornarem competitivos.

É o caso do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), entidade sustentada pela indústria de suco e produtores de laranja, que tem em seu orçamento R\$ 45 milhões só para pesquisa e controle de doenças e pragas da citricultura.

O grande desafio do setor, no entanto, é o *greening*, doença que se tornou conhecida em 2004 e que vai provocar novas mudanças no campo. De acordo com o levantamento realizado em todo parque citrícola pelo Fundecitrus, a doença já foi confirmada em 46 municípios, e está no centro, norte e sul do Estado de São Paulo, embora esteja concentrada na região de Araraquara. A partir das pesquisas que vêm sendo realizadas, os produtores começam a entender a necessidade de iniciar novas formas de manejo do pomar.

A recomendação dos pesquisadores é que as plantas doentes sejam eliminadas, que haja controle do inseto vetor, inspeção constante para identificação de árvores com sintomas e plantio de mudas sadias. Tudo isso, inclusive, é um impulso à geração de empregos no setor. "A curto

prazo, essas medidas são um novo investimento, mas a longo prazo, serão apenas uma nova forma de fazer o negócio se tornar mais competitivo, já que novas tecnologias serão utilizadas com esse objetivo", avalia Garcia.

Mercado citrícola

O sistema citrícola representa 1,87% da pauta total de exportações brasileiras e 4,47% das exportações de produtos do agribusiness. A principal comercialização no mercado internacional é a do suco de laranja concentrado congelado, que representa 72% do valor dessas exportações. Para o Estado de São Paulo, que exporta 95% da produção de suco de laranja, a importância cresce. O suco de laranja concentrado congelado ocupou em 2003 a segunda posição entre os produtos comercializados no



A laranja representa 49% de toda a produção brasileira de frutos

mercado internacional, ficou logo atrás das exportações de aviões.

O Brasil mantém a posição de maior produtor mundial de laranja, com uma área cultivada de 820 mil hectares, 77% dos quais na região Sudeste. A laranja representa 49% de toda a produção brasileira de frutas.

Em 2003, este sistema produtivo destinou aos cofres federais US\$ 139,41 milhões, e pagou mais de US\$ 100 milhões em frete (dos insumos até o atacado) e US\$ 14 milhões em pedágio (sem considerar a distribuição). □

WALMICK MENDES BEZERRA

DIRETOR DA SNA E MEMBRO DA ACADEMIA NACIONAL DE AGRICULTURA

Oito anos sem febre aftosa

O ESTADO DO RIO DE JANEIRO está sem febre aftosa há oito anos. A enfermidade, antes de 1995, era considerada incontrolável, dada a grande incidência de focos. Naquela época, a Secretaria de Agricultura, com o apoio decisivo do Ministério da Agricultura, das prefeituras municipais, da Federação da Agricultura (FAERJ), dos sindicatos rurais, das cooperativas agropecuárias e da Sociedade Nacional de Agricultura, iniciou intensa campanha de esclarecimento e de conscientização dos produtores rurais, especialmente daqueles que produzem leite e criam gado de corte.

Com a decisão fundamental dos produtores rurais, a febre aftosa foi controlada e em levantamento sorológico, evidenciada a inexistência de vírus no rebanho fluminense.

Antes de 1995, o quadro da febre aftosa, segundo dados da Delegacia Federal de Agricultura, era o seguinte:

1990 - 1994	103 focos
1995	42 focos
1996	13 focos
1997	4 focos (sendo o último em março)
1998	0 (zero) focos

Em termos de cobertura vacinal, em novembro de 1992, foi de 28%. Em novembro de 1994, de 57%. Em novembro de 1995 foi de 75%. Em setembro de 1997 houve, por determinação do Ministério da Agricultura, alteração do calendário de vacinação. O índice de cobertura vacinal foi de 96,64%. Em 1998, no mesmo mês foi de 89,38%. Em 2000 foi de 97,39% e em março de 2001 foi de 95,27%. De setembro de 2001 até setembro de 2004 os índices de cobertura vacinal estão na faixa de 90%.

O Centro Panamericano de Febre Aftosa esclarece que uma cobertura vacinal de 85%, ou mais, controla o vírus.

Estão de parabéns governos estadual, federal, municipais, lideranças e produtores rurais, estes os principais beneficiários do controle da febre aftosa.

Vale lembrar que a febre aftosa foi introduzida na América do Sul, através de bovinos oriundos do continente Europeu, e identificada pela primeira vez em 1870. No Brasil ela foi observada em 1896, no estado de Minas Gerais. Já se vão 109 anos, tempo mais do que suficiente para erradicá-la ou no mínimo controlá-la com a vacinação dos rebanhos bovinos.

Nos Estados Unidos a infecção não ocorre desde 1929. Se lá foi possível erradicá-la, porque não conseguimos o mesmo aqui no Brasil?

A cultura da abóbora

A CULTURA DA ABÓBORA é uma das mais importantes para as propriedades rurais, esclarece o engenheiro agrônomo Anésio Baliane, onde são observados extensos e numerosos plantios, na maioria das vezes em consorciação com o milho. É plantada nos meses de inverno, principalmente nos terrenos planos. Trata-se de uma lavoura relativamente fácil e que, nas épocas em que é explorada nas diversas regiões, garante bons lucros.

A abóbora possui diversas denominações regionais, tais como, jerimum, abóbora-d'água, abóbora-de-porco, abóbora-menina, etc. O

plântio, no passado, era feito com 3 a 5 sementes por cova misturadas com as de capim, após a última capina do milho, sendo 5 a 6 meses após, colhidas e armazenadas e daí destinadas ao consumo humano e dos animais, principalmente dos porcos.

Mais recentemente, afirma Anésio Baliane, a abóbora vem sendo cultivada solteira, com tratos culturais próprios.

No mercado é conhecida como hortalica, de cuja polpa vermelha-alaranjada comestível, sabe-se ser rica em licopeno.

Recentemente descobriu-se que o licopeno exerce ação benéfica na prevenção do câncer da próstata.

Os altos níveis de vitaminas C e E e de carotenos nos alimentos estão fortemente ligados a menores riscos de câncer, doenças do coração, derrame e catarata.

Em vários estudos sobre dieta e como se relacionam com o câncer, a abóbora foi alguns dos alimentos mais ingeridos por aqueles que não evidenciaram a enfermidade.

Os estudos foram realizados na Austrália, em casos de câncer de pele, nos Estados Unidos, pesquisando o risco geral de câncer em pessoas idosas e na França, comparando a alimentação de homens com e sem câncer na bexiga.



Abóbora: cultura importante

As frutas são grandes fontes de hidratação

VERÃO É SINÔNIMO de esportes, passeios sob o sol e mergulhos no mar.

É também época de grande incidência de desidratação. Sua causa é a falta de reposição de líquidos que o organismo consome ou elimina. Há necessidade de ingestão de muita água, pelo menos dois litros por dia. Sucos de frutas e água-de-coco são recomendáveis.

As frutas, sejam em forma de sucos ou ao natural, são excelentes fontes de hidratação, pois, normalmente contêm mais de 80% de água.

Atenção: cuidado com as crianças. No mar ou na piscina a transpiração ocorre, sendo necessária a reposição. Quando adultos ou crianças divertem-se em águas salgadas ou quentes o processo de desidratação é ainda mais rápido. Nessas condições deve-se consumir um litro de água a cada hora.

Aqueles que gostam de uma cervejinha tenham cuidado, pois a "loura", além de calórica, desidrata, considerando que o metabolismo necessário para eliminar o álcool consome água do corpo.

Também os refrigerantes não são líquidos indicados.

As frutas devem ser consumidas in natura ou em forma de sucos



VOCÊ TEM UM PROJETO OU PESQUISA E QUER COLOCÁ-LOS EM PRÁTICA?

Ótima oportunidade para pesquisadores e empresários criativos e inovadores!
Agente facilitador na criação de produtos e processos empresariais.
Voltada para o setor de agribusiness, um dos mais competitivos do mercado.

Apresente seu projeto nas seguintes áreas:

- **Cadeia de produção animal, certificação da qualidade de produto, rastreabilidade e sanidade**
- **Aqüicultura, ranicultura e pescado**
- **Paisagismo, floricultura e jardinagem**
- **Cadeia produtiva de alimentos orgânicos**



**INCUBADORA
DE AGRONEGÓCIOS**



Sociedade
Nacional de
Agricultura

Informe-se.

SNA - tel. (21) 2533-0088

e-mail: sna@sna.agr.br

PERÍODO DA SECA:

o gargalo da pecuária de corte

TEXTO: ASSISSORIA DE COMUNICAÇÕES



No período de maturação ocorre a deficiência protéica dos pastos

O período da seca é considerado o mais crítico do ano para os bovinos, sendo necessária a suplementação estratégica

MARCOS SAMPAIO BARUSELLI
ZOOTECNISTA DA FÓRMULA COMANHIA ZOOTÉCNICA
AGRÁRIA

A INFLUÊNCIA do período seco na pecuária de corte é tamanha que muitos técnicos e criadores a consideram como o gargalo da pecuária de corte. Estendendo-se normalmente de maio a setembro na maior parte do Brasil Central, a seca se caracteriza por decréscimo na qualidade das pastagens com aumento da fração fibrosa e diminuição dos teores de proteína, do valor energético e dos minerais, como fósforo, zinco, entre outros.

As consequências do período seco são nefastas. Entre elas podemos destacar queda do consumo de pasto pelos bovinos, perda de peso, atraso na idade de abate, redução da taxa de fertilidade e longo período para o início do ciclo reprodutivo das novilhas. Daí a importância da suplementação estratégica nesse período considerado o mais crítico do ano.

A suplementação estratégica no período da seca é capaz de proporcionar entre outras coisas a manutenção ou até mesmo o aumento do peso do animal durante a fase crítica do ano e assim evitar o chamado "Boi Santana" - aquele que engorda nas águas e emagrece na seca e tem a sua idade de abate extremamente

tardia.

As proteínas e os minerais, em especial o fósforo, são os nutrientes mais limitantes para bovinos de corte em pastejo durante o período seco. A suplementação conjunta de proteínas e minerais na dieta dos animais possibilita aumento da digestibilidade dos pastos, e conseqüentemente da ingestão de capim, o que torna possível a obtenção de maiores ganhos de peso durante o período da seca.

Um alerta, porém, deve ser dado quanto às condições necessárias para a suplementação de proteínas, pois, ao contrário do elemento fósforo - que é deficiente quase que na totalidade das nossas pastagens e, portanto, deve ser suplementado corretamente durante todo o ano - a suplementação protéica só deve ser ministrada quando as pastagens estiverem deficientes.

A deficiência protéica dos pastos normalmente se inicia no período da maturação do capim, normalmente nos meses de abril/maio para a maior parte do Brasil Central, quando então se faz necessária a sua correta suplementação. Isso, é claro, desde que exista quantidades adequadas de forragem, uma vez que o efeito principal da suplementação protéica consiste em aumentar o consumo da mesma, ou seja, produzir o boi de capim ou o "Boi Verde" de maneira eficiente e econômica, sendo esta a grande vocação natural da pecuária de corte dos trópicos. □

Apostilas de AGRONEGÓCIOS

Apicultura I

Aproveitamento dos Alimentos

Avicultura de Corte

Avicultura de Postura

Bovinocultura

Criação de Cães

Criação de Cabras

Criação de Camarões

Criação de Codornas

Criação de Coelho

Criação de Escargots

Fruticultura

Hidroponia

Horticultura

Jardinagem I

Jardinagem II

Minhocultura

Paisagismo

Plantas Medicinais - Utilização

Plantas Medicinais - Cultivo

Piscicultura

Ranicultura

Solos e Adubações

Suinocultura

Peça já a sua!



Informações:

(21) 2533-0088

ou pelo e-mail:

webmaster@sna.agr.br

Faça sua compra

pela internet:

www.sna.agr.br

Ovelhas: na medida certa *para pequenos espaços*

POR JACIRA COLLACO

MÉDICA VETERINÁRIA E JORNALISTA
DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Comparado ao cenário do agronegócio brasileiro, o estado do Rio de Janeiro ocupa uma posição tímida em termos de produção. Mas isto não impediu que empreendedores como Luiz Cezar Fernandes proprietário da Fazenda Marambaia, investissem para produzir com qualidade: o resultado tem sido reconhecimento e lucratividade.

Há cerca de 15 anos, Luiz Cezar Fernandes adquiriu uma propriedade de menos de 100ha em Petrópolis, na região montanhosa do estado do Rio de Janeiro, ainda sem definição de que negócio implantaria. A ovinocultura surgiu como opção para um espaço limitado, mas somente há seis anos foi realmente implantada comercialmente. Na época, não havia muitas matrizes comercializáveis e a incidência de febre aftosa era alta, impedindo o trânsito de animais. Por isso a produção era insuficiente até para manter o número de animais adequado ao porte da Fazenda. Para reverter a situação, Luiz Cezar criou um centro de quarentena para receber animais comprados no Nordeste. Quando examinados e liberados, começaram a ser vendidos sob o nome de "Seleção Marambaia", que logo chegou à média de 1500 animais por ano.



Com manejo adequado a raça nordestina Santa Inês adaptou-se à região serrana do Rio de Janeiro

A LAVOURA - Quais raças que a Fazenda Marambaia cria?

Luiz Cezar Fernandes - *Santa Inês. Ela não possui lã, melhorando o aspecto do couro por não apresentar os poros, e ainda a valoriza quase ao patamar da carne. Já no sabor da carne não há o ranço típico vindo da lanolina.*

A LAVOURA - Como vocês entraram no mercado?

Luiz Cezar Fernandes - *Através de leilões, exposições e com nosso site na Internet. Quando consigo vender um carneiro a R\$ 270 mil, o destaque é imediato.*

A LAVOURA - Então o principal foco da Fazenda Marambaia é a venda de matrizes?

Luiz Cezar Fernandes - *Não, ultimamente temos duas possibilidades: vender fêmeas*

receptoras de embriões — onde existe pouca oferta — ou ficar apenas com animais P.O. (puro de origem).

A LAVOURA - O investimento em tecnologia precisa ser pensado antes da instalação do negócio ou é uma consequência para melhorar?

Luiz Cezar Fernandes - O investimento em tecnologia para ovinos é zero! Recentemente é que marcas para inseminação vêm sendo divulgadas, troncos aprimorados, etc. Acredito que com o crescimento as coisas melhorem, pois hoje temos uns três ou quatro técnicos de inseminação artificial para o Brasil todo, pois o rebanho ainda é pequeno. Nas próprias universidades há poucas cadeiras para o estudo de ovinos.

A LAVOURA - Quando a produção começa a ser viável economicamente?

Luiz Cezar Fernandes - Manter um bom pasto ajuda muito, mas os ovinos são interessantes para o pequeno, médio ou grande produtor pela sua rentabilidade frente ao bovino.

A LAVOURA - Qual o peso dos animais colocados à venda?

Luiz Cezar Fernandes - Após 8 ou 10 meses, as matrizes para venda atingem uma média de 60 quilos, ou seja, o mínimo para se obter bons resultados numa exposição, por exemplo. Na Fazenda Marambaia realizamos um trabalho de seleção e possuímos 1/3 das matrizes pesando em torno de 90 kg.

A LAVOURA - Como a Fazenda Marambaia chegou a esta marca?

Luiz Cezar Fernandes - Possuímos na fazenda quatro tipos de pasto, que são rotacionados, mas de acordo com o local na propriedade: tifton, pangola, braquiário e tangola, este último chegando a 18% de proteína. Junto a isto disponibilizamos sempre o sal e um pouco de rejeito de cevada de uma cervejaria próxima. A diferença é que no terço final da gestação fazemos também suplementação, mas controlada, para não provocar toxemia. Já perdemos várias fêmeas por excesso de alimentação.

FAZENDA MARAMBAIA



A topografia acidentada não é problema para a criação de ovinos

A LAVOURA - Além da rotação, quais os cuidados com o pasto?

Luiz Cezar Fernandes - Como a fazenda foi adquirida há 15 anos, já está na hora de readubar os pastos mais a fundo. Quineticamente, realizamos este trabalho a cada ano, e a cada cinco anos colocamos cama de frango para aumentar a digestibilidade.

A LAVOURA - Quais os animais destinados ao descarte na produção da Fazenda Marambaia?

Luiz Cezar Fernandes - Os machos, que, de cada 1000, um é aproveitado para reprodução, e fêmeas a partir de seis anos.

A LAVOURA - Como é o processo de aprimoramento genético que é realizado na fazenda?

Luiz Cezar Fernandes - Intuitivo, principalmente, aproveitando as boas características de cada animal.

A LAVOURA - O sr. acredita que a sua atividade estimulou outros produtores da região a se voltarem para os ovinos?

Luiz Cezar Fernandes - Sim, na área já deve

haver uns 50 produtores, todos de Santa Inês. A topografia acidentada até facilita, pois se é inviável para os bovinos, 95% do pasto é aproveitado pelos ovinos.

A LAVOURA - Pessoas despreparadas atrapalham o mercado?

Luiz Cezar Fernandes - Creio que não, pois o comprador percebe a má qualidade do produto. Isso aconteceu até comigo, quando comeci a ter prejuízos por não ficar à frente da fazenda por um ano.

A LAVOURA - Então qual a formação ideal para o proprietário?

Luiz Cezar Fernandes - No caso dos empregados, quem tiver experiência com leite, que costuma conhecer cada animal. O ornito é muito rotineiro, gasta de horários e delicadeza de tratamento, diferentemente da forma mais dura de quem trata o gado de corte.

A LAVOURA - Com o Rio de Janeiro seu expressão agropecuária no País, quais foram as dificuldades que o sr. enfrentou?

Luiz Cezar Fernandes - Muitas, pois nem veterinário encontrava na cidade. Foram

descobertas constantes desde a criação do animal até a venda. Hoje, pelo menos, se tivéssemos seis mil matrizes para vender, elas seriam compradas, assim como os animais de descarte. Por exemplo, já temos compradores até de Roraima.

A LAVOURA - O sr. vê algum aumento de produção no estado do RJ?

Luiz Cezar Fernandes - Não exatamente. Observo que a maioria dos meus compradores está procurando aumentar seus rebanhos, apenas 10% têm condições de vender carne. No Rio de Janeiro não há frigoríficos especializados, mas em São Paulo já existem três, e Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco contam com um cada estado. O abate encarece, mas os preços ainda estão atrativos, por volta de 30% a mais que o quilo de carne bovina. E, para comparar, com o custo de produção de um quilo bovino, se produz cinco quilos de carne ovina. Acho isto muito interessante para o pequeno e médio produtor.

A LAVOURA - Quais são os principais problemas ou particularidades da criação ovina?

Luiz Cezar Fernandes - Um deles seria a

sazonalidade, mas na Fazenda Marambaia eu consigo manter uma produção constante ao longo do ano, sem recorrer à indução de cio. Só que possuímos uma infraestrutura preparada, separando 1/8 do rebanho para a monta natural e deslocando os animais para os piquetes adequados a cada situação.

Quando comecei a criação, me disseram que era louco, trazendo animais do sertão nordestino da raça Santa Inês para ficar no frio da serra do Rio de Janeiro; o fato é que não tivemos problemas com a temperatura, apenas com a umidade relativa, que afeta os animais causando pododermatites. Mesmo assim, é possível algum controle sobre as ovelhas com o uso de abrigos suspensos.

Quanto ao pasto, existe o inconveniente da necessidade de limpar o pasto das fezes, algo que não é necessário com os bovinos. E sempre há os parasitas, como carrapatos e moscas, mas conseguimos controlar as últimas com borifos de andiroba e álcool sobre os animais.

A LAVOURA - Já existe um movimento para exportação?

Luiz Cezar Fernandes - Sim, já tivemos pedidos de 50, 100 mil cabeças, mas não temos ainda produção para suprir a demanda.

Nestes números só a Nova Zelândia, que tem o maior rebanho do mundo.

A LAVOURA - Um estímulo do governo para a produção ovina seria bem-vindo?

Luiz Cezar Fernandes - É claro, algo como uma zona específica para ovinos ou caprinos, com pesquisas em topografia e aproveitamento racional da água.

A LAVOURA - Quais são os desafios enfrentados pela Fazenda Marambaia?

Luiz Cezar Fernandes - Um desafio constante é manter os melhores reprodutores e matrizes. Dos primeiros, a cada 100, conseguimos um médio. Temos que trabalhar muito para diminuir essa distância.

A LAVOURA - Como o sr. vê o Brasil no mercado internacional de carnes?

Luiz Cezar Fernandes - Acha que o País caminha inexoravelmente para ser o primeiro na produção de proteína animal. Com relação aos ovinos, a estimativa, só de consumo interno, é de 110 milhões de cabeças, enquanto temos um rebanho de 30 milhões! Mas para a produção aumentar precisamos trabalhar a mudança de hábitos alimentares, preconceitos sobre a carne ovina e melhoria das condições de abate. □



Sociedade
Nacional de
Agricultura

**Cursos práticos
ministrados no
Campus Ecológico
da EWB**

Av. Brasil, 9727

Penha - Rio - RJ

EWB ESCOLA WENCESLÃO BELLO

Cursos de Agronegócios



HORTICULTURA



FRUTICULTURA



CAPRINOCULTURA



CUNICULTURA



HELICULTURA



RANICULTURA

ADMINISTRAÇÃO RURAL
AVICULTURA DE CORTE
BOVINOCULTURA
CAPRINOCULTURA (CABRAS)
CARNICULTURA (CAMARÕES)
COTORNICULTURA (COTORNIZES)
CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS
CUNICULTURA (COELHOS)
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E
RECICLAGEM DE LIXO
FRUTICULTURA
FERTIRRIGAÇÃO
FUND. DE PAISAGISMO I E II
HELICULTURA (ESCALGOTS)
HIDROPONIA

HORTICULTURA
IRRIGANTES
IDENTIFICAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS
JARDINAGEM DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL
JARDINAGEM
MANEJO DE DEJETOS ANIMAIS
MINIHOECULTURA (MINHOCAS)
OVINOCULTURA DE CORTE (OVELHAS)
PISCICULTURA (PEIXES)
PISCICULTURA ORNAMENTAL E AQUIARILOGIA
RANICULTURA (RÃS)
SOLOS E ADUBAÇÕES
SUINOCULTURA
VIVEIROS

**Informações e
reserva de vagas:**
(21) 2590-7493 /
2260-2633 /
2561-8684
ou pela internet:
www.sna.agr.br

Aprenda com quem faz: 106 anos de tradição.



Assine A LAVOURA por apenas R\$20

e receba 5 edições da mais importante revista especializada em agropecuária e meio ambiente.

Preencha o cupom abaixo, junte cheque nominal à Sociedade Nacional de Agricultura, no valor de R\$20 e envie para: Revista A Lavoura - Av. General Justo, 171 / 7º andar - Rio de Janeiro - RJ - 20021-130.

Faça sua assinatura também através de nosso site: www.sna.agr.br. Informações: alavoura@sna.agr.br.

Nome: _____			
Endereço: _____			
Bairro: _____	Cidade: _____	Estado: _____	
CEP: _____	e-mail: _____	DDD e Tel.: _____	
Ocupação principal: _____	Data: _____		

Se preferir, tire cópia do cupom ou escreva seu nome e endereço completos em papel separado, junte o cheque no valor de R\$20 e remeta para o mesmo endereço.

Alternativas nutricionais

● A **Agroceres** dispõe de uma linha de nutrição específica para gado de elite, que tem o objetivo de complementar os investimentos num programa de melhoramento do gado corte, que constitui em aliar o melhoramento genético, manejo, ambiente e nutrição, para assim obter o



Linha Max GP para gado de elite

melhor desempenho produtivo.

A linha chama-se Max GP, formada por três rações especiais formuladas para atender as necessidades nutricionais de bovinos de raças pura (gado de elite). O diferencial são os ingredientes de alta digestibilidade.

A linha possui uma ração exclusiva para os bezerros, a Max GP bezerros, indicada para animais com até 350 quilos de peso vivo. Para no-vilhos, entre 350 e 550 quilos,

tem a ração Max GP Novilhos e para os bovinos com peso superior a 550 quilos, a indicação é a ração MAX GP Sênior.

Novo antiparasitário

● A **Vallée** ampliou sua linha de antiparasitários. Já está no mercado a versão

Ranger LA – endectocida injetável de longa duração para o controle de parasitas internos e externos em bovinos, ovinos, caprinos e suínos.

À base de ivermectina, o Ranger LA trata e controla vermes gastrointestinais e pulmonares, carrapatos, bernes, piolhos e ácaros de sarna. Também é preventivo de miases (bicheiras) em feridas de castração e no umbigo de animais recém-nascidos.

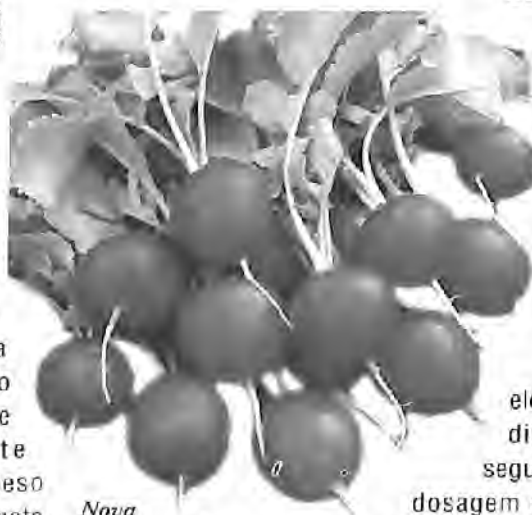
Informações sobre a linha de medicamentos Vallée através do telefone (11) 5504.4333 ou pelo site www.vallee.com.br

Nova variedade de rabanete

● A **Agristar** colocou no mercado a variedade de rabanete Zapp, com maior

uniformidade de raízes e tolerância à rachadura e isoporização (também conhecido como chochamento, processo que causa a desidratação do tecido e consequente perda no peso final). O rabanete Zapp produz folhas verdes claras, medindo de 15 a 20

cm de altura, raízes de coloração vermelho brilhante, com peso médio de 30g e tamanho 4 x 3,5 cm, com destaque para o rendimento de colheita.



Nova variedade de rabanete Zapp

Brinco inseticida para mosca-dos-chifres

● Desenvolvido pelo **Clarion Biociências**, o brinco inseticida Diazitag, composto por

Diazinon 40%, é um inseticida organofosforado do grupo dos tiofosfatos, que apresenta vantagens sobre os métodos tradicionais de controle da mosca-dos-chifres. No tratamento com o brinco, o Diazinon 40% é liberado lentamente

nos pelos e pele do gado. Dessa forma, o produto não entra na corrente sanguínea e não deixa resíduo na carne", explica o laboratório.



Diazitag: brinco inseticida

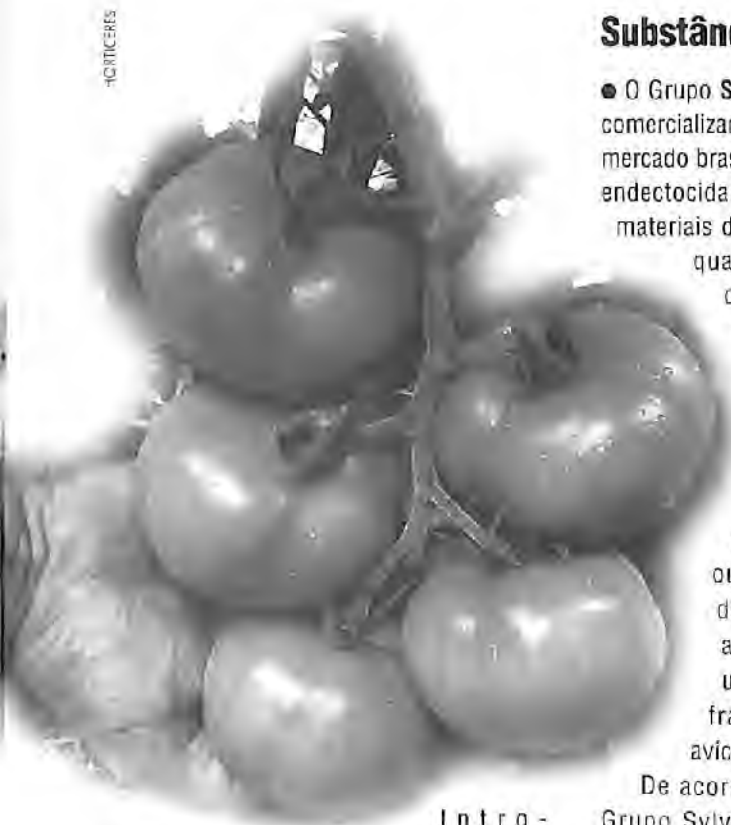
Segundo o fabricante, a ação mais longa do brinco inseticida Diazitag – apenas duas aplicações anuais – evita a alta frequência dos tratamentos convencionais, que controlam por pouco período, estressam os animais e possuem elevada mão-de-obra. Além disso, oferece tratamento seguro, sem riscos de superdosagem e sem agredir ao meio-ambiente.

Tomate resistente a doenças

● Para atender a uma exigência crescente do consumidor e do mercado comprador, o horticultor precisa reduzir o uso de defensivos agrícolas. Além das técnicas de manejo da cultura, da consorciação com o manejo integrado e ecológico de pragas, o produtor tem como aliado o uso de sementes com resistência às doenças.



Endectocida de longa ação para bovinos, ovinos, caprinos e suínos



Tomate Stylus, resistente às principais doenças

Introduzidas através de pesquisas de melhoramento genético, as resistências impedem o ataque das doenças e melhoram as características genéticas das plantas.

Entre as hortaliças, o tomate é a mais suscetível às pragas e doenças, entre elas o fusarium, o vírus do mosaico e as geminivíroses. De acordo com a **Horticeres**, usar variedades resistentes como o tomate híbrido Stylus trará para o tomaticultor a redução do uso de dos agroquímicos e assegurará a produtividade, principalmente, na ocorrência de geminivíroses. Resistente ao gemini-vírus (TYLCV), mais importante virose limitante da cultura nas principais regiões produtoras, o Stylus é um tomate tipo longa vida, destinado ao mercado fresco. É resistente também às principais doenças do tomateiro, tais como Verticillium, Fusarium raças 1 e 2, Nematóide e ao TMV, auxiliando o produtor a produzir com melhor qualidade. Com paredes espessas e pouca água interna, o Stylus produz frutos de cor vermelha intensa, firmes, em ciclos de 100/110 dias.

Substância vegetal

● O Grupo **Sylvachem Life Sciences** está comercializando com exclusividade para o mercado brasileiro e Mercosul o excipiente endectocida *Glycevet*, produto isento de materiais de origem animal, para evitar qualquer possibilidade de contaminação da doença de Creutzfeld-Jacob (variante humana do mal da vaca louca).

Por recomendação da OMS – Organização Mundial da Saúde – o *Glycevet* também tem sido utilizado em outras aplicações, sendo uma delas como bactericida de amplo espectro, podendo ser usado para o caso da gripe do frango, na desinfecção de avícolas.

De acordo com o Grupo **Sylvachem**, o *Glycevet* por ser de origem vegetal é mais seguro que o congênere de origem animal e tem o mesmo preço de seu similar no mercado.

No período de vacinação de gado (que acontece nos meses de abril e setembro), o *Glycevet* passa a ser a opção mais apropriada, já que não é indicado que o gado receba substâncias retiradas de suas entranhas, como única maneira de se evitar o mal da vaca louca.

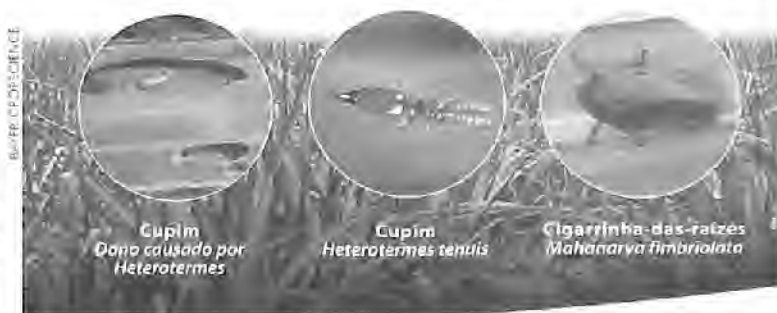
Analgésico para eqüinos

● A **Merial Saúde Animal** desenvolveu Ketofen 10%, antiinflamatório não-esteróide,

analgésico e antipirético para as inflamações agudas e crônicas em eqüinos. Eficaz no controle analgésico da Síndrome da Cólica Eqüina, Ketofen 10% pode ser aplicado via intravenosa ou intramuscular. Os principais benefícios proporcionados por Ketofen 10% consistem na ausência de efeitos colaterais dos corticosteróides, alta potência anti-inflamatória (até 80 vezes mais potente que a fenilbutazona), baixíssima ocorrência de úlceras gástricas e reduzida toxicidade renal, informa o fabricante.

Produto para cultivo de cana

● A **Bayer CropScience** lançou o Evidence, um produto que apresenta características



Evidence combate cigarrinha-das-raízes e cupins

inseticida e cupinicida para o mercado da cana-de-açúcar. Evidence apresenta dupla ação: controle de cigarrinha-das-raízes e de cupins. Outro destaque do produto é sua classe toxicológica IV, que garante mais segurança na aplicação.

Segundo o fabricante, o produto apresenta diferentes modos de aplicação de acordo com a praga que se deseja combater. Para o controle de cupins, Evidence é usado na pulverização no sulco de plantio sobre os toletes de cana. Para evitar a cigarrinha-das-raízes são feitas aplicações dirigidas ao colo das plantas e ao solo.



Ketofen 10% para cólicas de eqüinos



Alguns crimes até que compensam

RUBENS RICUPERO

MEMBRO DA ACADEMIA NACIONAL DE AGRICULTURA, FOI SECRETÁRIO-GERAL DA UNCTAD (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO) E MINISTRO DA FAZENDA (GOVERNO ITAMAR FRANCO)

Em desmentido à frase categórica e bem-intencionada segundo a qual o crime não compensa, os subsídios, que não deixam de ser uma espécie de crime contra o livre comércio, costumam render vantagens inegáveis a seus alegres beneficiários. Se não fosse assim, os agricultores norte-americanos não teriam tido, no ano passado, a renda recorde de US\$ 74 bilhões, bem cima dos US\$ 59 bilhões de 2003 e dos US\$ 48 bilhões de 2002.

É claro que o clima ajudou e a demanda chinesa teve, para a soja e o milho ianques, o mesmo efeito estimulante que empurrou a produção e a exportação da soja e do minério de ferro brasileiros. A diferença é que os fazendeiros do país líder do “comércio livre” ainda ganharam por fora quase US\$ 16 bilhões em pagamentos diretos do governo.

Não é por mero acaso que os números da renda agrícola deram um salto a partir de 2002. Nesse ano, com a autorização para negociar acordos comerciais – a “Trade Promotion Authority” –, o congresso dos EUA aprovou a nova lei agrícola a vigorar nos anos seguintes, um nítido retrocesso em relação à legislação anterior. Com efeito, a lei antiga – a “Freedom to Farm Act” – tencionava ser um passo importante para a abolição progressiva dos subsídios. Para isso, ela começou a obra indispensável de desvincular os pagamentos governamentais aos agricultores das quantidades produzidas e dos preços.

A lei atual escolheu o caminho oposto, restabelecendo a vinculação e reforçando a compensação aos produtores, sempre que ocorrem quedas nas cotações internacionais. Ficou, assim, na contra-mão da tendência universal, até mesmo da União Européia, que vai no sentido da desvinculação e da supressão gradual dos subsídios. Ao retomar o recurso condenável do elo entre pagamentos e produção, o governo americano sabia que dificultaria enormemente as negociações comerciais da Rodada de Doha e estimularia a superprodução e a queda de preços. Preferiu, apesar disso, ceder à pressão dos poderosos “lobbies” agrícolas.

É por isso que não só os fazendeiros estão eufóricos; os fabricantes de maquinaria agrícola e os corretores da Bolsa de Chicago não ficam atrás. Os primeiros venderam horrores, a tal ponto que o maior deles, a Deere, registrou aumento recorde nos lucros, que se viram multiplicados por cinco. Um dos diretores da empresa explicou seu otimismo em relação à demanda de máquinas agrícolas com o argumento de que os pagamentos diretos do governo estão se tornando, cada vez mais, uma parcela insubstituível do orçamento do fazendeiro: “Sabemos, agora, que esses pagamentos podem ser tratados como um componente da renda com o qual (o agricultor) pode contar, o que não era o caso no passado”. Convém ter presente essa expectativa, que não há de facilitar evidentemente as negociações visando à redução dos subsídios.

Não é à toa que, assim calçados por essas garantias oficiais,

os produtores rurais tivessem contribuído poderosamente para provocar, com sua safra excepcional, o desabamento das cotações internacionais, que está afligindo tanto os sojicultores brasileiros. Essa queda é capaz de arruinar muitos de nossos patrícios, mas não chega a tirar o sono dos americanos, amparados pelos pagamentos de compensação. Conforme declarou um corretor da Bolsa de Chicago: “Com a nova lei agrícola, todo mundo está ciente de que os fazendeiros vão receber US\$ 2 o bushel de milho, não importando que eles produzam mais ou menos”.

É essa, de fato, a lógica perversa do subsídio: o agricultor terá sempre interesse em produzir, independentemente das cotações do mercado, uma vez que sua renda é assegurada pelo governo. Em outras palavras, ele passa à condição privilegiada de um dos raros agentes econômicos que se podem dar ao luxo de produzir como se o mercado não existisse. No país que empresta ao mercado atributos quase divinos de onipotência e infalibilidade, tal comportamento só pode ser classificado como contradição, hipocrisia ou ambos.

Tempos atrás, o ingênuo ufanismo nacional andou se deliciando na imprensa com as notícias de que os americanos estavam atemorizados com a concorrência da agricultura brasileira, cuja competitividade seria “imbatível”. Para quem é escolado na cínica realidade do comércio tal como ele é, não como o descrevem os ideólogos liberais, isso deveria ser motivo de preocupação, não de celebrações, pois era sinal de que, mais cedo que tarde, os campeões do livre comércio haveriam de encontrar um remédio para zerar o jogo e recuperar vantagem.

O remédio está aí: é a lei de 2002, cujos benefícios em termos de subsídios se espera aumentem substancialmente em 2005. É por esse motivo que, por ocasião do acordo de julho de 2004 para o prosseguimento das negociações da Organização Mundial do Comércio, os americanos insistiram em deixar aberta a porta para legalizar suas subvenções, por meio da ampliação da chamada “caixa azul”.

Além dos subsídios e caso nem eles nem a ferrugem bastem, os produtores ianques contam com um precioso aliado no nosso Banco Central, que não falhará em marcar tantos gols contra quanto necessários, com o câmbio logo a R\$ 2,5 e os juros a só Deus sabe quanto.

Não admira, assim, que no Norte, como se diz no jargão internacional, todos estão rindo à toa. Não só os fazendeiros, os fabricantes de tratores, os corretores. Também o governo, que se reelegeu graças, entre outros, ao substancial apoio dos Estados agrícolas, e o novo secretário da Agricultura. Esse último era o governador de Nebraska, um dos Estados que mais recebem subsídios e foi um dos principais proponentes da lei protecionista de agricultura. Substituiu no cargo Ann Veneman, que tentou se opor à legislação.

Como se vê, alguns crimes até que compensam... □

Você tem uma voz
na ALERJ.
Mas sabe o que ela
anda dizendo?



**SINTONIZE A TV ALERJ TODOS OS DIAS PELA NET E SAIBA TUDO
O QUE ACONTECE NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.**

Rio de Janeiro, São Gonçalo e Niterói: canal 12 • Volta Redonda: canal 13
Campos e Macaé: canal 15 • Teresópolis: canal 39 • Itaperuna: canal 61 • Petrópolis: canal 95
Nova Friburgo: canal 97 • Cabo Frio, Três Rios, Barra Mansa e Resende: canal 96



TVALERJ

Quem tem alumínio, tem vantagens.

A Companhia Brasileira de Alumínio - CBA é a maior indústria de alumínio integrada do mundo e detém as principais certificações de qualidade do mercado. Reconhecida por desenvolver grandes soluções construtivas para o setor da Construção Civil, a CBA é líder brasileira no mercado de telhas. Ideais para diversos tipos de aplicação, e produzidas com exclusividade pela CBA, as Telhas Votoral trazem como principais vantagens:

Telhas Votoral trazem como principais vantagens:

- **LEVEZA**
- **DURABILIDADE**
- **CONFORTO TÉRMICO**
- **ECONOMIA**
- **BAIXO CUSTO DE MANUTENÇÃO**

www.aluminiocba.com.br



Telhas Votoral: o máximo em vantagens para sua obra.

VOTORAL
TELHAS



Companhia Brasileira de Alumínio